



## Universidades Lusíada

Santo, Rafaela Coelho, 1993-

### Os estilos parentais e o funcionamento familiar

<http://hdl.handle.net/11067/3622>

#### Metadados

<b>Data de Publicação</b>	2017
<b>Resumo</b>	A presente investigação seguiu através dos pressupostos de Bronfenbrenner (1979), com base na ligação entre os vários sistemas integrantes na vida do sujeito, que poderiam afetar o seu estilo parental. O estudo realizado tinha o objetivo de compreender a relação entre os estilos parentais e o funcionamento familiar, tendo em conta diferentes variáveis sociodemográficas. De cariz quantitativo, utilizou instrumentos como a escala de estilos de funcionamento familiar e a escala EMBU-P, foi recolhido...
<b>Palavras Chave</b>	Pais e filhos, Parentalidade, Responsabilidade dos pais, Famílias - Aspectos económicos
<b>Tipo</b>	masterThesis
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T08:19:08Z com informação proveniente do Repositório



**UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

## **Os estilos parentais e o funcionamento familiar**

**Realizado por:**

Rafaela Coelho Santo

**Orientado por:**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

### **Constituição do Júri:**

Presidente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos  
Arguente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Cristina da Cruz Fatela dos Santos

Dissertação aprovada em: 23 de Novembro de 2017

Lisboa

2017



**U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

## Os estilos parentais e o funcionamento familiar

Rafaela Coelho Santo

Lisboa

Outubro 2017



**UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

## Os estilos parentais e o funcionamento familiar

Rafaela Coelho Santo

Lisboa

Outubro 2017

Rafaela Coelho Santo

## Os estilos parentais e o funcionamento familiar

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Lisboa

Outubro 2017

## Ficha Técnica

**Autora** Rafaela Coelho Santo  
**Orientadora** Prof.<sup>a</sup> Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos  
**Título** Os estilos parentais e o funcionamento familiar  
**Local** Lisboa  
**Ano** 2017

### Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

SANTO, Rafaela Coelho, 1993-

Os estilos parentais e o funcionamento familiar / Rafaela Coelho Santo ; orientado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos. - Lisboa : [s.n.], 2017. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - SANTOS, Tânia Gaspar Sintra dos, 1977-

LCSH

1. Pais e filhos
2. Parentalidade
3. Responsabilidade dos pais
4. Famílias - Aspetos económicos
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and child

2. Parenthood

3. Parenting

4. Families - Economic aspects

5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ755.85.S26 2017

## **Agradecimentos**

Gostaria de transmitir a minha profunda gratidão,

À coordenadora de mestrado e orientadora deste trabalho Professora Doutora Tânia Gaspar, pelo apoio e disponibilidade demonstrada durante a realização desta investigação, assim como pela dedicação e entrega manifestada na coordenação do Mestrado em Psicologia Clínica.

Ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa e a todos os professores de Mestrado em Psicologia Clínica, pelo profissionalismo e entrega.

A toda a equipa de investigação que trabalhou em colaboração no estudo sobre a parentalidade, especialmente à Dra. Ana Cerqueira, Dra. Ana Grazina, Dr. Fábio Guedes e Dra. Susana Marques pela partilha de conhecimentos, apoio e disponibilidade, mas principalmente pela manifestação do espírito de amizade, entreajuda e cooperação.

Aos meus amigos e colegas, pelo apoio e motivação.

E muito especialmente, à minha família por toda a compreensão, paciência e apoio transmitido, dando-me força e motivação no decorrer desta etapa.

Agradeço a todos os que se cruzaram comigo durante este percurso, permitindo que se tornasse numa experiência de aprendizagem e crescimento única.





*"No society can long sustain itself unless  
its members have learned the  
sensitivities, motivations and skills  
involved in assisting and caring for other  
human beings."*

Urie Bronfenbrenner, *cit. in "The  
Ecology of Human Development"*



## Resumo

A presente investigação seguiu através dos pressupostos de Bronfenbrenner (1979), com base na ligação entre os vários sistemas integrantes na vida do sujeito, que poderiam afetar o seu estilo parental. O estudo realizado tinha o objetivo de compreender a relação entre os estilos parentais e o funcionamento familiar, tendo em conta diferentes variáveis sociodemográficas. De cariz quantitativo, utilizou instrumentos como a escala de estilos de funcionamento familiar e a escala EMBU-P, foi recolhida uma amostra de 1096 pessoas contendo as opiniões de cuidadores responsáveis por crianças e jovens entre os 6 e 16 anos de idade. Os resultados desta investigação indicaram que os estilos parentais se encontravam relacionados com o funcionamento familiar, estando ligados a variáveis como o meio de residência, o número de filhos e o nível socioeconómico, percebeu-se que cuidadores com um funcionamento familiar mais positivo registavam por norma altos níveis de suporte emocional e baixos níveis de rejeição, quanto à influencia das variáveis sociodemográficas descobriu-se que cuidadores com um maior número de filhos a seu encargo aparentavam ter mais tendência a utilizar estratégias de rejeição, cuidadores de alto nível socioeconómico utilizavam mais estilos de suporte emocional e menos estratégias de controlo, também cuidadores residentes em ambientes urbanos pareciam apresentar uma maior tendência de utilizar estilos parentais de suporte emocional. Estes resultados foram de encontro ao esperado a partir da literatura descoberta, aumentando a perceção e o conhecimento sobre esta temática, serão capazes de influenciar profissionais e cuidadores motivando uma forma de parentalidade mais positiva.

**Palavras-chave:** estilos parentais, estilos de funcionamento familiar, meio de residência, número de filhos, nível socioeconómico.



## **Abstract**

The present study followed Bronfenbrenner (1979) assumptions, based on the connection between the various systems confined in the subject's life that could affect his parenting style. The objective of the study was to understand the relationship between parental styles and family functioning, taking into account other sociodemographic variables. Quantitative in nature, the study used the family functioning style scale and the EMBU-P scale, a sample of 1096 people was collected, containing the opinions of caregivers responsible for children and youngsters between 6 and 16 years of age. The results of this research indicated that the parental styles were related to the family functioning, being linked to variables such as the area of residence, the number of children and the socioeconomic level, it was perceived that caregivers with a more positive family functioning registered by high levels of emotional support and low levels of rejection, as to the influence of sociodemographic variables, it was found that caregivers with a higher number of children appeared to be more likely to use rejection strategies, while parents of high socioeconomic status used more emotional support styles and less strategies of attempt to control, also caregivers living in urban environments seemed to have a greater tendency to use parental styles of emotional support. These results were in line with what was expected from the literature found, increasing awareness and knowledge about this theme, they will be able to influence professionals and caregivers motivating a more positive parenting behavior.

**Key words:** parental styles, family functioning styles, area of residence, number of children, socioeconomic status.



## Índice de tabelas

Tabela 1 .....	61
Tabela 2 .....	62
Tabela 3 .....	62
Tabela 4 .....	63
Tabela 5 .....	64
Tabela 6 .....	65
Tabela 7 .....	66
Tabela 8 .....	66
Tabela 9 .....	67
Tabela 10 .....	67
Tabela 11 .....	68
Tabela 12 .....	70
Tabela 13 .....	71





## Lista de Siglas

EMBU-P - Egna Minnen av Barndoms Uppfostram - Parents version

EMBU - Egna Minnen av Barndoms Uppfostram

FFSS - Family Functioning Style Scale

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

M - Média

DP - Desvio padrão

F - Teste F

$p$  - Correlação de Pearson

$t$  - Teste t-student



## Índice

Agradecimentos .....	V
Resumo .....	IX
Abstract.....	XI
Índice de tabelas .....	XIII
Lista de Siglas.....	XV
Índice .....	XVII
Introdução.....	19
Enquadramento Teórico .....	21
Objetivos.....	51
Metodologia.....	53
Amostra .....	53
Instrumentos .....	54
EMBU – P .....	55
Escala de estilos de funcionamento familiar (FFSS).....	56
Procedimentos .....	57
Resultados.....	61
Discussão .....	73
Conclusão .....	83
Referências .....	85
Anexos .....	95
Lista de Anexos.....	97

Anexo A.....	99
Anexo B.....	113

## Introdução

Bronfenbrenner (1979) via o mundo através das suas ligações, percecionava o ser humano como entidade dinâmica que se modifica de acordo com o ambiente, para ele o desenvolvimento de uma criança acontecia através de relações recíprocas entre os diversos sistemas em que esta se inseria. No entanto, sabe-se que a família e as figuras parentais que acompanham a criança durante o seu desenvolvimento servem como reguladores ao contacto que os filhos têm com o exterior (Parke & O'Neil, 1999), são o sistema que lhe está mais próximo, influenciando-a profundamente, uma disfunção neste sistema pode ter um enorme impacto na vida da criança.

Assim, este estudo seguiu a partir do pressuposto de Bronfenbrenner (1979) acompanhando a ideologia de Matejevic, Todorovic e Jovanovic (2014) que acreditavam numa conexão recíproca entre a parentalidade e a família, defendendo a influência mútua destas variáveis que existiam ao redor de inúmeros elementos capazes de as afetar. Nesta investigação foi estudado, a partir de uma perspetiva ecológica, o modo como o funcionamento da família e os estilos parentais se relacionavam, tentando-se compreender de que forma variáveis como o nível socioeconómico, a zona de residência e o número de filhos, poderiam afetar os estilos parentais, utilizando a escala ENBU-P e a escala de estilos de funcionamento familiar, foi estudada uma amostra de 1096 cuidadores provenientes de várias zonas do país, responsáveis por crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e 16 anos, sendo descritas neste documento, de forma pormenorizada, todas as etapas que fizeram parte do desenvolvimento deste investigação, assim como os seus objetivos e conclusões.



## Enquadramento Teórico

O ser humano nasce, cresce e desenvolve-se a partir das interações que cria com o ambiente à sua volta (Bronfenbrenner, 1979), a forma como a pessoa se desenvolve exerce um papel fulcral na transformação e no crescimento do indivíduo ao longo do tempo. Quando falamos de desenvolvimento, referimo-nos às mudanças que ocorrem na vida de cada pessoa, que se iniciam com a sua conceção e procedem de forma contínua e sistemática até à sua morte (Shaffer, 2005).

Bronfenbrenner (1979) encarava estas mudanças como forma de auxílio na adaptação do indivíduo ao mundo que o rodeava, este autor via a pessoa como um ser dinâmico e ativo na sua relação recíproca com o mundo, sofrendo influência do ambiente onde estava inserido e influenciando-o de volta. O ambiente ecológico era assim visto através de três principais subsistemas que se encaixam uns nos outros como *matrioskas*. No centro situava-se a pessoa como indivíduo, com as suas características únicas. Cada um destes sistemas influenciava e era influenciado pelos outros, tendo um impacto crucial na vida do indivíduo. O primeiro subsistema, denominado de microsistema, é o mais próximo ao sujeito, aquele que o influencia mais profundamente, contém tudo o que lhe é imediato com o qual ele interage no seu dia-a-dia, neste encontram-se estruturas como, os amigos, o trabalho e a família.

Em Portugal, os registos conseguidos com os censos de 2011 registaram 1 614 289 núcleos familiares de casais com filhos, o que leva a uma percentagem de 58.79% na população portuguesa (Instituto Nacional de Estatística, 2012). A família é assim vista como um componente essencial da sociedade, com um significado importante na vida humana, sendo o meio a que o indivíduo primeiramente recorre para satisfazer as suas necessidades com a finalidade de atingir satisfação e segurança, de maneira a conseguir desenvolver-se de forma apropriada (Bowlby, 1980). No entanto, uma família

tem também as suas próprias carências e necessidades, cada elemento tem certos deveres a cumprir de forma a que estas sejam satisfeitas, para que tal aconteça, são precisos mecanismos de suporte, e estilos de funcionamento familiar aceites por todos os membros da família (Bray, 1995).

Cada membro assume um lugar e papel específico na família (Parke, 2004), no entanto este papel pode sofrer alterações ao longo do tempo e do desenvolvimento da família, os papéis e funções que os diferentes membros da família assumem influenciam-se e dependem uns dos outros, tanto de forma direta como indireta (Minuchin, 2002). Ainda assim, uma família é mais do que as dinâmicas que acontecem entre os seus membros (Bornstein & Sawyer, 2006), esta relaciona-se de acordo com uma determinada disposição, que embora nem sempre seja reconhecida conscientemente, administra as transações feitas dentro do seio familiar, a esta disposição dá-se o nome de estrutura familiar.

Dentro do sistema familiar existem vários subsistemas (entre pai e criança, entre ambos os pais ou entre irmãos, etc.), organizando-se como um conjunto de elementos interdependentes que convivem em vários subsistemas diferentes, através das relações que mantêm uns com os outros, estes subsistemas organizam-se de forma a funcionarem como um todo. Assim, os comportamentos dentro de um subsistema (por exemplo entre o casal) diferem tanto quantitativamente como qualitativamente, dependendo da situações e dos elementos que estiverem presentes durante o período de interação (Parke, 2004). Deste modo, cada subsistema afeta e é afetado por outros elementos, uma mudança em qualquer aspeto do sistema pode desencadear várias outras alterações. Estes subsistemas estão organizados de acordo com uma estrutura hierárquica, permitindo a criação de limites e regras, que acabam por regular as interações e a hierarquia dentro do sistema, necessária para o desenvolvimento saudável da criança



(Golombok, 2002).

Cada um dos membros da família tem características pessoais e individuais, tarefas que realizam fora do sistema familiar, pelo que, acontecimentos ocorridos nos cenários exteriores vão afetar as relações existentes no sistema familiar, alterando a sua estrutura familiar ao longo do tempo, assim como as suas regras e recursos (Minuchin, 2002; Parke, 2004).

Outra das características deste sistema é a capacidade de reorganização, uma capacidade adaptativa que permite à família continuar a funcionar mesmo quando surgem novos desafios. Tal como vários outros tipos de sistemas, o familiar tem o objetivo de se manter equilibrado, de forma a que a vida na família possa prosseguir sem problemas. No entanto, existem desafios pelos quais o sistema tem de passar reorganizando-se, experiências como o próprio nascimento e crescimento de novos membros da família, assim como passagens para novas fases de desenvolvimento. Esta reorganização permite a satisfação de uma necessidade de consistência sentida por todas as famílias. Criam-se no seio familiar formas de gerar estabilidade, ou seja, padrões de interação, cada membro da família responde à mudança de uma forma adaptativa, fazendo surgir novos padrões e estruturas, que se repetem, constituindo a estrutura do funcionamento familiar. Esta mudança não se reflete apenas no sistema, afeta cada um dos membros provocando, conseqüentemente, alterações a nível individual (Bornstein & Sawyer, 2006).

Esta estrutura ajuda a família a funcionar de uma forma saudável permitindo a cada um dos membros usufruir da sua individualidade, ao mesmo tempo que é sustentado por uma estrutura ou cenário no qual participa e se sente integrado (Matejevic et al., 2014). É esta estrutura de funcionamento que irá auxiliar a família a cumprir as suas principais funcionalidades, enfrentando o crescimento e evolução do

ciclo de vida e das crises pelas quais a família passa, com estes contratempos criam-se papéis dentro da família, e padrões de comportamentos que transmitem um mapa da dinâmica familiar interna e a sua forma de funcionamento (Espejel, 1997, cit. por Hormazábal, Theune & Escobar, 2004).

Um modelo desenvolvido por Trivette, Dunst e Deal (1988), que deu origem à escala de estilos de funcionamento familiar, foi criado com base na teoria geral dos sistemas, este defendia que as necessidades são motivações que impulsionam o comportamento humano, criam forças que influenciam o funcionamento da família e são reciprocamente influenciadas por ele. No entanto, são necessários recursos que possibilitem a satisfação das necessidades da família e permitam o seu funcionamento normal, estes autores criaram uma forma de medição a partir da combinação de recursos intrafamiliares empregados para a satisfação de necessidades, a escala de estilos de funcionamento familiar.

O termo estilos de funcionamento familiar é utilizado quando nos referimos a formas únicas de lidar com eventos de vida e promover o crescimento e o desenvolvimento familiar, utilizadas de forma eficiente em resposta a diferentes situações de vida. As investigações realizadas neste campo demonstram que cada indivíduo utiliza mecanismos singulares como resposta a distintas situações, estes mecanismos, são influenciados pelos recursos disponíveis nesse dado momento. Cada família possui a sua própria combinação de características psicológicas, tipos de competências e forças que definem o seu estilo de funcionamento familiar, que é único para cada família e espelha a sua maneira de crescer e cooperar com a adversidade (Lewis, Beavers, Gossett, & Phillips, 1976, cit. por Trivette et al., 1990).

Assim, entende-se que cada família tem pontos fortes únicos, contruídos a partir do seu sistema de crenças, dos seus antecedentes culturais, étnicos, e socioeconómicos.

As vulnerabilidades de uma família devem ser percebidas, não como falhas no sistema familiar ou num dos seus membros, mas como fraquezas proporcionadas pelo sistema social onde a família se insere, visto que é este o responsável pela criação de oportunidades para os sistemas que abarca, devendo criar condições de aprendizagem onde as famílias possam adquirir competências e controlo nos principais aspetos da vida familiar. Assim, o trabalho social com famílias deve ser contruído com base nos seus pontos fortes, e na valorização das diferenças individuais de cada família e cada membro (Rappaport, 1981, 1987).

O modelo dos sistemas de funcionamento familiar de Beavers (1981, cit. por Beavers & Hampson, 2000), criou um registo dos tipos de funcionamento familiares existentes. Segundo este autor, existiam duas dimensões estilísticas que se registavam num *continuum*, gerando diferentes estilos de funcionamento familiar, de um lado encontravam-se as famílias centrípetas e do outro surgiam as famílias centrífugas, o posicionamento da família neste *continuum* dependeria da qualidade das interações que nesta aconteciam. As famílias centrípetas, tinham mais tendência de acreditar que a satisfação na vida familiar surgiria dentro da família, enquanto as famílias centrífugas acreditavam que a satisfação familiar apenas poderia ser alcançada através do mundo exterior. Qualquer um destes estilos, quando excessivos, associavam-se a um pior funcionamento familiar, para que uma família pudesse ser considerada funcional era necessário que estas dimensões surgissem de forma moderada, dando liberdade aos membros da família para mudarem e adaptarem-se às suas necessidades individuais (Beavers & Hampson, 2003).

Para perceber o estilo de funcionamento de uma família seria, contudo, necessário conhecer e avaliar também o seu nível de competência, logo, ao *continuum* que expunha as dimensões estilísticas da família opunha-se o *continuum* referente às

competências e à saúde familiar, o posicionamento da família relativamente a ambos, transmitiria o estilo de funcionamento familiar que esta integrava. A competência estaria relacionada com o tipo de estrutura familiar, o seu acesso à informação e a sua flexibilidade de adaptação, características que lhe permitiriam negociar e lidar com os problemas de uma forma mais eficiente, usufruindo de liberdade para evoluir e crescer. Quanto mais exposição a estas variáveis uma família tinha, melhor seria o seu nível de competência (Beavers & Hampson, 2000).

Assim, ao longo deste *continuum* surgiam certos estilos de funcionamento familiar que poderiam ser utilizados para descrever e identificar o bom ou mau funcionamento de uma família. As famílias mais eficientes foram descritas como famílias ótimas (Beavers & Hampson, 2003), eram sistemas onde os membros compreendiam que as causas e os efeitos se relacionam mutuamente e que um problema poderia surgir a partir de diferentes circunstâncias. Nestas famílias existia intimidade entre os membros, as transições de poder mostravam-se equilibradas, existindo limites e regras definidas, as opiniões de todos os membros eram respeitadas, pois cada membro era visto como um ser individual, com necessidades específicas. Eram famílias com capacidades de negociação, onde existiam conflitos, contudo estes eram facilmente resolvidos (Beavers & Hampson, 2000).

Seguidamente surgiam as famílias adequadas (Beavers & Hampson, 2003), sendo mais controladoras, nestas poderia ser encontrada uma tendência de resolver conflitos através da intimidação, existia menos intimidade e confiança entre os diferentes membros, os papéis que estes cumpriam encontravam-se por norma ligados a estereótipos, os membros procuravam um tipo de poder mais aberto e menos controlador e o controlo parental baseava-se menos nas recompensas emocionais que os filhos poderiam obter, este era, assim, um tipo de família onde existia pouca

espontaneidade.

As famílias que se situavam no intervalo médio do *continuum*, foram descritas como famílias de intervalo médio centrípetas e famílias de intervalo médio centrífugas. As famílias de intervalo médio centrípetas eram sistemas onde os papéis cumpridos pelos vários membros surgiam distribuídos de acordo com os estereótipos da sociedade, recorrendo ao controlo autoritário, não existiam tentativas de negociação entre pais e filhos, sendo que a expressão de hostilidade era vista como inapropriada, havendo grande respeito pelas regras e pela autoridade, não existia espaço para a espontaneidade. Já as famílias de intervalo médio centrífugas, utilizavam também a intimidação como forma de controlo, contudo nestas, este método não funcionava, pois o poder não se encontrava devidamente distribuído, a hostilidade e o conflito poderiam estar presentes de forma constante, sendo frequentes ataques que levavam à culpabilização dos restantes membros, as opiniões dos pais não eram coerentes, existindo ambivalência nas informações passadas aos filhos, estes passavam por norma longos períodos de tempo fora de casa e os aspetos emocionais surgiam como causadores de ansiedade, sendo que a mudança acontecia, mas apenas quando era impulsionada por emoções negativas. Compreendia-se então que os membros de famílias de intervalo médio mostram mais suscetibilidade a desenvolver problemas psicológicos (Beavers & Hampson, 2000).

Seguidamente, surgem as famílias *borderline* (Beavers & Hampson, 2003), aquelas onde o poder não teria sido, de todo, distribuído. Por norma, nestas existiam lutas e conflitos pela dominância, sendo os membros incapazes de satisfazer necessidades emocionais. Nas famílias *borderline* de espectro centípeda, existiam também fortes lutas pelo poder, contudo, estas eram frequentemente disfarçadas e não extrapoladas através de acessos de raiva. Em famílias *borderline* centrífugas a demonstração de raiva parecia ser mais aberta, todavia, continuava a não existir coerência

entre as figuras parentais, este caos causava conflitos violentos, fazendo com que as crianças aprendessem a manipular o sistema parental, servindo-se constantemente da sua fragilidade. Por fim, surgiam as famílias severamente disfuncionais, nestas o maior problema recaía sobre a comunicação e coerência, o poder não se encontrava distribuído e a ambivalência entre os membros da família dificultava a capacidade de negociação, assim como a capacidade de adaptação. Não existindo a tendência de partilhar objetivos, verificava-se uma elevada distância emocional entre os membros, sendo que as crianças destas famílias mostram normalmente atrasos no desenvolvimento emocional (Beavers & Hampson, 2000). As famílias severamente disfuncionais centrípetas, desenvolvem uma barreira entre si e o exterior, sendo percebidas como estranhas pelos indivíduos de outros sistemas, eram famílias onde os membros podiam ser caracterizados como extremamente fiéis, existindo conflitos interiores entre a individualidade e a união. Já as famílias severamente disfuncionais centrífugas, pelo contrário, tem uma relação muito forte com a comunidade, mostrando-se abertas à agressividade, dependentes e vulneráveis, têm também dificuldades em adaptar-se a novas circunstâncias e a resolver problemas (Beavers & Hampson, 2003).

Entende-se assim que a família é um sistema criado por pessoas com identidades e características únicas, como tal esta individualidade deve ser tida em atenção quando se fala deste sistema. As características pessoais e individuais dos pais vão afetar o desenvolvimento dos filhos, da mesma forma que as características individuais dos filhos vão afetar os estilos parentais dos pais (Bornstein & Sawyer, 2006).

O conceito de parentalidade surgiu na comunidade científica associado ao estudo das atividades parentais, foi definido como uma prática que tem a intenção de garantir a subsistência e o crescimento da criança (Hoghugh, 2004). Os progenitores têm a responsabilidade de preparar os seus descendentes como geração futura (Bornstein,

2005), de garantir um ambiente seguro proporcionando-lhes as condições de vida e a orientação necessária para um desenvolvimento saudável tanto a nível físico, como social e psicológico, de forma a garantir a autonomia da criança no futuro (Maccoby, 2000).

Existem certos fatores da parentalidade que devem estar presentes na relação entre pai e criança, pois esta dará indicações das suas necessidades, numa relação dinâmica onde o comportamento da criança será modificado com as atitudes e reações dos pais. A criança e os pais irão partilhar sentimentos e conferir um significado às suas experiências dentro da relação. Deste modo, os principais elementos da parentalidade, seriam: o cuidado e carinho indispensáveis para satisfazer necessidades de suporte emocional, físico e social, protegendo a criança dos inconvenientes vindos do ambiente, como doenças, acidentes e até violência, o controlo, indispensável para criar limites que fazem parte do crescimento saudável da criança, o desenvolvimento, para que os pais percebam o potencial da criança em vários domínios, o conhecimento, de forma a saberem perceber as necessidades da criança, conseguindo satisfazê-las, a motivação para que possam fazer sacrifícios pessoais em seu benefício, os recursos, sejam eles materiais ou pessoais e as oportunidades de tempo e espaço (Hoghugh, 2004).

A forma como os pais satisfaziam estas necessidades, o tipo de comportamento parental que utilizavam ia definir a evolução e o desenvolvimento da criança (Darling & Steinberg, 1993). Este comportamento parental era formado a partir de valores adquiridos ao longo do tempo. Melvin Kohn (1989), estudou os valores parentais, as características que os pais achavam mais desejáveis e tentavam incutir nos filhos, com esperança de que as incorporassem, estes serviam como orientação para os pais e eram adquiridos pelos filhos, assim, este autor definiu duas grandes dimensões de valores parentais: a autodireção (que acontecia quando os pais se comportavam com base no seu

próprio pensamento e julgamento) e a conformidade (que por sua vez acontecia quando os pais se comportavam a partir de consequências externas).

Estes valores, que definem o comportamento parental podem ser influenciados por diferentes variáveis, individuais, históricas ou sociais. Sabe-se que as pessoas desenvolvem esquemas cognitivos através dos quais experienciam a vida, assim, a forma de parentalidade que os pais vivenciaram na sua própria infância irá influenciar a reação que têm ao comportamento dos seus filhos, esta resposta irá, por sua vez, abrir caminho a novos esquemas cognitivos (Grusec, Hastings & Mammone, 1994).

O modelo socio-contextual da parentalidade (Belsky, 1984) defende a principal influência de três fatores na parentalidade: as características individuais dos pais (como a personalidade e a psicopatologia), as características individuais das crianças (como o temperamento e o comportamento), e os fatores provenientes do contexto social (como a profissão dos pais, as relações maritais ou a rede de suporte estabelecida). Este modelo refere que a personalidade dos pais, a sua história, o seu relacionamento conjugal, profissão e saúde psicológica podem interferir na maneira como interagem com os seus filhos, e desta forma afetar direta ou indiretamente todas as relações familiares, o funcionamento das redes de suporte social e as experiências ocupacionais. Assim entende-se a importância das redes de suporte social (como a vizinhança e a comunidade onde a família se insere), que podem ser influências cruciais para o exercício parental.

Ao estudar este modelo, Huh, Tristan, Wade e Stice (2006), perceberam a importância de ter em conta as características da criança, estas surgem como fator determinante para a dinâmica parental exercida, visto que existem estudos indicativos de que um comportamento difícil por parte da criança desencadeia uma reação hostil ou menos recetiva por parte dos pais. Ou seja, não seriam apenas as características da



criança ou dos pais a afetar a parentalidade, mas sim a compatibilidade entre ambas. Este modelo defende ainda que existem determinados aspetos da personalidade dos pais que facilitam o seu comportamento parental, estudos revelam que pais com mais traços de extroversão, amabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade, formam um padrão educativo rico em suporte, responsividade e estimulação intelectual. Este modelo é dinâmico e regulador pois permite-nos reconhecer as componentes com capacidade para danificar o funcionamento familiar e o processo de parentalidade. A boa parentalidade pode então ser definida como um estado dinâmico, dependente destas três variáveis, no entanto elas não têm todas o mesmo peso quanto à influência no processo de parentalidade. As características individuais dos pais têm mais peso no funcionamento parental, mesmo que as restantes estejam em risco, enquanto os pais dispuserem de recursos para as sustentar e ultrapassar, continuará a existir um alto funcionamento parental (Belsky, 1984).

Kotchick e Forehand (2002), reanalisaram o modelo socio-contextual da parentalidade (Belsky, 1984) e concordaram com a existência de vários fatores que podem influenciar o funcionamento parental, no entanto, consideraram ainda um fator adicional que não constava anteriormente, o contexto social, sendo mais amplo que a competente de suporte social de Belsky (1984), este abrange os riscos e recursos da comunidade onde a família vive, o nível económico familiar, a cultura e a etnia a que pertence.

Através destas pesquisas referentes à ligação entre contexto social e parentalidade, foi criado por Luster e Okagaki (2005) o modelo ecológico da parentalidade, que percebe as famílias enquanto integrantes de diferentes ambientes, culturas e crenças (Miranda et al., 2005) particularmente em relação às necessidades da criança e práticas parentais necessárias para as satisfazer (Forehand & Kotchick, 2002).

Assim, o objetivo dos pais passa por desenvolver nos filhos certas competências que lhes permitem sobreviver e adaptar-se na sociedade, segundo o ponto de vista ecológico-cultural, Ogbu (1995) defendeu que a cultura afeta o comportamento parental, define a forma como pensam, tomam decisões e visualizam a sua experiência (Murry et al., 2004), sendo que, as práticas parentais dependem quase sempre dos recursos disponíveis na cultura onde se inserem, podendo influenciar as práticas mais valorizadas numa determinada cultura ou as teorias mais populares sobre as mesmas.

Dentro de cada cultura existem vários tipos de pressões envolventes no processo parental exercidas pelo contexto social, expectativas praticadas em relação às crianças e a todo o processo financeiro que está associado a ser pai ou mãe (Sidebotham et al., 2001). Os recursos emocionais são relevantes, pois podem levar a problemas no funcionamento psicológico e, consecutivamente, a repercussões na parentalidade (Kotchick e Forehand, 2002). Entende-se assim que inúmeras variáveis parecem influenciar o comportamento dos progenitores, seja por meio das suas experiências, da cultura onde se inserem ou até mesmo da personalidade dos restantes membros da família. Os pais desenvolvem certas formas de funcionamento, características ou comportamentos particulares para lidar com a adversidade e educar os seus filhos.

Vários estudos têm tentado perceber o impacto que estes comportamentos podem ter no desenvolvimento das crianças. Foram criadas várias teorias diferentes para explicar esta temática, que deram azo a distintos componentes e estilos parentais. Os estilos parentais são as atitudes tidas pelos pais em relação aos filhos, estas atitudes podem ser aquelas que os pais vêem como deveres, às quais se dá o nome de práticas parentais e aquelas que de certa forma não são estruturadas, como gestos, tom de voz ou expressão de emoção, estes estilos começaram a ser estudados como uma forma de pesquisa da parentalidade, com esta surgiram formas de recolha de dados que

incentivaram o desenvolvimento da temática, a pesquisa neste campo começou a ser desenvolvida primeiro de forma qualitativa e depois de forma quantitativa, focando-se em três componentes principais: a relação emocional entre pais e filhos, os comportamentos e práticas e o sistema de crenças dos pais (Darling & Steinberg, 1993).

Assim, existem certas dimensões que definem o tipo de estilo utilizado pelos progenitores, e o tipo de desenvolvimento que os seus descendentes terão. O suporte emocional, refere-se à relação emocional que os pais têm com os filhos, advém do carinho, das respostas dadas e do comportamento direcionado para o bem-estar da criança, é uma dimensão capaz de promover um desenvolvimento positivo na criança, no entanto quando não é suficiente pode levar à rejeição, a uma falta de respostas e a comportamentos desinteressados por parte dos pais (Mccarty, Zimmerman, Digiuseppe, & Christakis, 2005). Este tipo de comportamento por parte dos pais pode ter consequências drásticas na vida da criança, dando-lhe a conhecer a existência de partes suas que precisam de ser escondidas e reprimidas (Winnicott, 1965).

Khaleque e Rohner (2002) investigaram 43 estudos internacionais percebendo que a rejeição parental está associada com um futuro défice no ajustamento psicológico da criança, independente da cultura, género e localização da família. Podendo também dar azos a problemas psicológicos em adolescentes, ambientes socioeconómicos mais desfavorecidos assim como pais com menos educação pareciam utilizar mais estilos de rejeição parental (Dwairy, 2010).

A teoria de aceitação-rejeição parental é um pressuposto que tenta explicar a forma como a rejeição e aceitação dos pais podem ter consequências na socialização e no desenvolvimento das crianças ao longo do tempo (Rohner, 1986).

Referindo o impacto que esta dimensão pode ter a nível da personalidade, percebe que existem diferenças na forma como as crianças percecionam a rejeição ou

aceitação dos pais relativamente ao sistema sociocultural em que abitam ou ao seu género, este autor compreende ainda a influencia que estas dimensões podem vir a ter, futuramente, na vida adulta da criança. Tenta analisar o que dá aos filhos mais ou menos capacidades de resiliência para conseguirem cooperar mais eficazmente com a experiencia de rejeição parental, o que faz com que alguns pais tenham mais tendência para comportamentos afetuosos de carinho e outros comportamentos frios ou agressivos de rejeição e até negligencia. Sabe-se que fatores familiares, comunitários e sociais tendem a estar associados às variações no estilo parental utilizadas pelos pais. Deste modo, esta teoria tenta também expor a forma como os pais, através da rejeição ou aceitação dos seus filhos, têm a capacidade de influenciar a sociedade, assim como os comportamentos e crenças que nela existem (Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2005).

Compreende-se então que os pais influenciam a capacidade de adaptação dos seus filhos, através dos estilos parentais que utilizam estes instroem os filhos a encontrar formas de lidam com a adversidade, ajustando-se às várias situações a que são expostos. Um dos processos que explica esta influência é o processo de socialização, pelo qual uma criança adquire certos hábitos, valores, objetivos e conhecimentos que a permitem funcionar de forma adaptativa em adulto, a criança necessita deste processo para se poder adaptar à sociedade em que vive, e às mudanças que nela podem ocorrer. Assim, a educação de uma criança baseia-se por norma nos valores que os pais lhe inculcem durante o seu desenvolvimento, esta transmissão de valores que acontece de geração em geração é essencial para a sociedade pois traça limites de comportamentos, fundamentais para entender a forma como as pessoas se situam no mundo, as relações interpessoais que um individuo cria ao longo da vida estabelecem-se a partir deste processo (Maccoby, 2000).

Baumrind (1966) mencionou também o processo de socialização, acreditava que

o principal papel parental era o de criar uma criança capaz de socializar com vista nas necessidades dos outros, nunca esquecendo a sua integridade pessoal. Nos seus estudos sobre os estilos parentais, defendeu que padrões como os valores, o afeto e as práticas parentais, são definidos pelas crenças que os pais têm sobre o que se deve ou não fazer relativamente à parentalidade. A partir deste pressuposto, esta autora definiu as principais características do controlo parental: o rigor, o uso de punição física, a consistência de punição e a utilização de explicações. O controlo parental em demasia, era visto como um padrão de comportamentos que envolvia a regulação excessiva das rotinas e atividades da criança, este acontecia quando os pais vigiavam ou interferiam demasiado na vida dos seus filhos, oprimindo o seu desenvolvimento e a sua independência e autonomia, levando as crianças a adquirirem a percepção de que não eram competentes o suficiente para conseguirem controlar o meio ambiente há sua volta (Bögels & Brechman-Toussaint, 2006).

Baumrind (1966) foi a primeira investigadora a criar várias dimensões relativas à parentalidade, combinou-as definindo três estilos parentais, autoritário, autoritativo e permissivo. Os pais autoritários caracterizavam-se pela procura de controlo, tendendo a moldar os seus filhos a uma ideia definida que normalmente advinha de uma figura de autoridade, avaliavam o seu comportamento, dando valor à obediência e restringindo a autonomia, não concediam espaço aos filhos para argumentar ou negociar, dando mais importância à ordem e às tradições familiares. Já os pais permissivos eram aqueles que mostravam uma tendência para aceitar os impulsos e desejos da criança, opondo-se à punição, consultavam os filhos relativamente a decisões familiares, explicando as regras, faziam poucos pedidos e delegavam poucas responsabilidades, tomando o papel de um recurso que existia apenas para o filho usar como necessitasse, sem dar restrições, permitiam que fosse o filho a regular as suas próprias atividades, utilizavam a

manipulação ou tentavam negociar, mas evitavam ao máximo exercer controlo. Por fim, o estilo autoritativo foi definido como sendo o mais apropriado, representando o pai ou mãe que encoraja o filho a partilhar opiniões, explicando sempre o raciocínio por trás do seu veredito, mantendo-o disciplinado, repreende a criança quando sente que é necessário, dando-lhe sempre espaço para a sua autonomia e vontade própria, exerce controlo quando existem divergências mas não sufoca a criança com restrições, ou seja, alia a razão ao poder para conseguir atingir o seu objetivo, valoriza os atributos do filho percecionando a potencialidade que este pode vir a ter no futuro, não baseia as suas decisões no consenso de um grupo ou no desejo da criança, tenta, ao invés, equilibrar as suas resoluções, considerando que deve existir harmonia, liberdade e responsabilidade, prazer e dever.

Com base nos três modelos de controlo parental criados por Baumrind (1966), Maccoby e Martin (1983, cit. por Darling & Steinberg, 1993) desenvolveram a sua conjectura, onde para além destes três tipos de controlo parental (estilos autoritativo, autoritário e permissivo) diziam existir um quarto, o estilo indiferente, esta teoria tinha por base as combinações de duas variáveis parentais: a capacidade de resposta e a capacidade de solicitação. A capacidade de resposta parental referia-se à atenção, ao suporte e ao carinho, enquanto a capacidade de solicitação se referia ao controlo comportamental que os pais exigiam nos filhos, com o intuito de os integrar na família. Deste modo, os estilos desenvolvidos referiam que os pais autoritativos apresentavam uma alta capacidade de solicitação e resposta, os pais autoritários tinham alta capacidade de solicitação mas baixa capacidade de resposta e os pais permissivos tinham uma boa capacidade de resposta mas uma baixa capacidade de solicitação. Já o quarto estilo que surgiu posteriormente, referia-se a pais negligentes com baixas capacidades tanto de resposta como de solicitação.

Matejevic et al. (2014) encontraram provas de que os padrões de funcionamento familiar se refletiam no estilo parental utilizado pelos progenitores, a investigação que analisou uma amostra de 584 estudantes de ambos os géneros na Universidade de Nis na Servia, demonstrava que a coesão e a flexibilidade equilibrada são os padrões dominantes no funcionamento familiar, padrões também encontrados com uma correlação positiva nas dimensões de estilos parental autoritativo, tal como indicava o modelo de Olson (2000).

O modelo marital circunplexo (*Circumplex Model of Marital*) criado por Olson (2000) defendia, assim, estes dois padrões (coesão e flexibilidade) como as dimensões familiares mais importantes, visto que, a coesão dá ênfase na forma como os diferentes membros da família equilibram o tempo que passam juntos, e a flexibilidade foca-se nas mudanças de liderança familiar, na divisão de papéis e nas relações existentes dentro do sistema, ou seja, na forma como a família organiza e equilibra a sua estabilidade e mudança.

De acordo com Olson e Gorall (2007) existem estilos parentais que dependem de certos padrões de funcionamento familiar. Nesta teoria, estes autores explicam o funcionamento familiar utilizando os pressupostos de Baumrind (1966). Olson e Gorall (2007) acreditam que o estilo autoritativo aparece em ambientes familiares bem ajustados, onde a coesão e a flexibilidade estão presentes de igual modo, ou seja, num ambiente saudável e normal. O estilo autoritário estava presente em famílias com um grande nível de coesão, mas falta de flexibilidade e funcionamento rígido, onde os pais exigiam autoridade e lealdade com regras muito severas e onde a falta de obediência tinha consequências. Enquanto o estilo permissivo estava presente em famílias caracterizadas por um alto nível de coesão e um nível muito alto de flexibilidade, ou seja, um ambiente onde embora exista coesão as regras não são constantes, não

existindo estabilidade. A pesquisa revela-nos que famílias mais equilibradas dão azos a crianças mais saudáveis felizes e com mais sucesso, assim, as crianças com pais autoritativos têm mais tendência a mostrar esse tipo de comportamentos, sendo mais energéticos, felizes, independentes, têm grande capacidade para lidar com a adversidade e são mais orientadas no que toca a seguir objetivos. Por sua vez um desenvolvimento saudável por parte da criança, leva a uma melhor dinâmica familiar, tanto a nível das relações conjugais como a nível das relações entre pais e filhos. A congruência entre todas estas variáveis sustenta a estabilidade parental e diminui o stresse na vida familiar (Belsky, 1984). Deste modo, as relações existentes entre os participantes dos subsistemas e a sua forma de comunicação, assumem grande importância no seu desenvolvimento.

Assim torna-se pertinente referir o segundo sistema de Bronfenbrenner (1979), o mesossistema requer que vejamos para além de um só ambiente, ou seja, neste subsistema põe-se em causa as relações que acontecem entre os diferentes microssistemas, a forma como eles se influenciam mutuamente, esta estrutura é fundamental pois permite perceber a evolução que acontece quando dois subsistemas coabitam. As interações entre os diferentes microssistemas têm impacto direto e indireto na vida da pessoa, podendo influenciar de forma positiva ou negativa as dinâmicas que acontecem dentro dos microssistemas e o desenvolvimento que delas se desencadeia.

Dentro de cada microssistema que conhecemos existem cenários comportamentais, locais onde o ambiente e o comportamento colidem, caracterizados por padrões de comportamento específicos, condicionados pelo sítio onde decorrem e pelos eventos que nele acontecem. Os cenários comportamentais são dinâmicos pois ditam o padrão comportamental que a eles se adequa, influenciando o que acontece no seu interior, o comportamento ditado é por norma estável, sendo que os seus



participantes sabem normalmente o tipo de comportamento a ter e a esperar em dado cenário. O papel, as relações e as atividades que acontecem no cenário são os elementos que constroem o microssistema, sendo construídos a partir das suas interações com o ambiente exterior, é também a partir destas que se podem desenvolver as transições ecológicas, mudanças que acontecem durante a vida de uma pessoa (como o nascimento de um filho ou irmão, o casamento ou até uma mudança de trabalho), e ganham uma importância adicional pois muitas vezes envolvem uma transformação de papéis, onde esta passa a ser vista numa outra perspectiva. O ambiente ecológico alarga-se muito além dos estímulos recebidos pelo sujeito, existem conceções entre as várias pessoas que coabitam num certo ambiente, estas conceções influenciam também, embora de uma forma indireta, a vida do indivíduo, afetando a forma como irá lidar com os demais (Bronfenbrenner, 1977).

Deste modo, compreende-se a existência de variáveis capazes de modificar o funcionamento familiar e as dinâmicas que acontecem nele e nos seus subsistemas, como número de filhos que uma família tem. Sabe-se que o sistema familiar muda com a entrada de novos membros, o nascimento do segundo filho, principalmente se for caracterizado como tardio, vai afetar a forma como os diferentes membros interagem uns com os outros (Belsky, Rovine, & Fish, 1989).

A nível desenvolvimental, entende-se também que quando o segundo filho nasce os pais estão numa fase diferente da sua vida, fizeram novas aprendizagens e tiveram novas experiências, mudando desde que tiveram o primeiro filho, considera-se então a existência de uma transformação no sistema familiar e no seu ambiente, assim como uma diferença na educação do primeiro filho para o segundo (Dunn & Plomin, 1991). Crianças na mesma família podem também ser tratadas de maneira diferente, a forma como os pais interagem com os filhos pode depender de diversas variáveis, como a

idade da criança, o seu comportamento, nível cognitivo, personalidade ou género. Estas variações, podem advir de fatores ambientais (como a influência daquilo que aprendem na escola) ou biológicos (como a sua própria variação genética) (Karraker & Coleman, 2005).

Quando o número de filhos por família aumenta, conseqüentemente, o número de preocupações e problemas irá multiplicar, os pais terão menos tempo livre, pois os recursos económicos irão diminuir, sendo que estes poderão sentir-se mais sobrecarregados e pressionados em relação aos seus postos de trabalho, contudo, se por um lado existe uma maior necessidade de ganhar dinheiro, por outro, percebe-se também a carência de marcar uma presença na vida das crianças, para que todos possam ter os mesmos cuidados (Voydanoff & Donnelly, 1989). Sputa e Paulson (1995), investigaram a forma como o número de membros na família e a ordem de nascimento dos filhos podiam influenciar a parentalidade, tentando compreender as relações entre estas variáveis e o aproveitamento da criança, foi examinada uma amostra de 198 estudantes pertencentes ao 9º ano de escolaridade e encontradas diferenças, entre o tamanho da família e a ordem de nascimento na percepção do estilo parental por parte dos filhos, contudo quando investigada a percepção dos pais relativamente ao seu próprio estilo parental, não foram encontradas diferenças.

Já Falbo e Polit (1986) realizaram uma meta-análise de forma a estudar pesquisas referentes a famílias com filhos únicos, e perceberam que na sua grande maioria as crianças sem irmãos ultrapassavam os resultados de crianças vindas de pequenas famílias (com dois filhos), relativamente á sua inteligência e as suas conquistas, conseguindo uma relação mais positiva com os seus pais.

Elder e Bowerman (1963), perceberam também a relação entre estas variáveis, investigaram famílias com crianças de sétimo ano e seus respetivos pais, evidenciando

que o tamanho da família afeta o envolvimento dos pais na educação dos seus filhos, principalmente em rapazes de nível socioeconómico médio e raparigas de nível socioeconómico baixo, quando o tamanho da família aumenta as raparigas têm tendência a perceber os pais como tomadores de decisão face a sua educação, menos comunicativos e mais controladores, relatando que estes têm mais probabilidade de usar uma punição física, elogiando menos vezes, estes resultados mostraram-se mais fortes em famílias onde existiam um ou mais rapazes.

Assim, compreende-se que outra das variáveis capazes de influenciar o funcionamento familiar e os estilos parentais, poderá ser o estatuto socioeconómico da família. A pobreza pode diminuir a capacidade de suporte e consistência familiar, tornando os pais mais vulneráveis às dificuldades diárias, fazendo com que estes tenham menos disponibilidade para se envolverem na parentalidade, logo, entende-se que as dificuldades financeiras podem afetar o funcionamento emocional da criança através das mudanças que trazem para as atitudes dos pais, para a própria relação entre pai e criança ou até mesmo entre pai e mãe. As redes sociais de apoio para além de promoverem o desenvolvimento nestas famílias, diminuem o stresse emocional e por sua vez melhoram a relação entre pai e criança, na medida em que os pais criam menos tendências para utilizar comportamentos punitivos, coesivos e inconsistentes (McLoyd, 1990).

Os pais de famílias menos privilegiadas davam maior relevância à obediência e ao autoritarismo, apresentando-se menos flexíveis, recorriam normalmente a técnicas assertivas (mais atentos ao comportamento dos filhos, reforçando ou penalizando frequentemente) na educação dos seus filhos, manifestaram ainda um menor recurso ao diálogo e à demonstração de afeto e carinho (Shaffer, 2005).

Um estudo de Flouri, Tzavidis e Kallis (2009) deu a entender que a

psicopatologia na criança está mais relacionada com fatores familiares, do que com o nível socioeconómico da sua família, no entanto, quando comparado o nível socioeconómico e a zona de residência, perceberam que o nível socioeconómico tinha mais impacto na psicopatologia da criança do que as condições adversas da sua vizinhança. Tentando perceber o porquê das crianças de famílias mais necessitadas terem piores registos comportamentais e emocionais, Dooley e Stewart (2007) efetuaram um estudo a partir dos dados recolhidos com o questionários nacional de crianças e jovens (*National Longitudinal Survey of Children and Youth*) que mediu o desenvolvimento de um grupo de crianças dos 4 aos 11 anos, ao longo do tempo através da utilização de três ciclos de recolha, tentando compará-lo aos estilos parentais utilizados pelos progenitores, descobriu que se encontrava de facto uma relação entre o rendimento familiar e as quatro medidas de estilo parental.

Bradley et al. (1994) realizaram também um estudo de forma a perceber como o ambiente de pobreza poderia afetar o desenvolvimento das crianças, para tal recolheram uma amostra de 243 crianças prematuras que viviam num ambiente pobre, apenas 26 destas crianças chegaram aos 3 anos de idade com um funcionamento normal do ponto de vista físico, cognitivo, social e adaptativo. Têm sido observadas, em vários países, correlações positivas entre o estatuto económico da família e o desenvolvimento da criança. Num estudo quantitativo com o objetivo de compreender a forma como os comportamentos e crenças dos pais influenciavam a educação das crianças e consequentemente, o seu aproveitamento escolar, Davis-Kean (2005) utilizou uma amostra de 868 crianças entre os 8 e os 12 anos de idade chegando à conclusão de que o estatuto socioeconómico se relacionava, de facto, com o aproveitamento escolar da criança através das crenças e comportamentos que os pais utilizavam na sua educação. Também estudos feitos no Canadá, indicam que crianças de famílias com menos

capacidades económicas tem piores resultados a nível emocional, cognitivo e comportamental, do que crianças de famílias mais abastadas (Dooley, Curtis, Lipman, & Feeny, 1998).

Contudo, os resultados das investigações nesta área são divergentes, num estudo realizado por Çakıcı (2006 cit. por Boylu, Copur, & Öztop, 2013), percebeu-se que a funcionalidade da família tinha relação com o seu nível socioeconómico, famílias com um nível socioeconómico mais elevado eram por norma menos saudáveis e funcionais. Brody e Flor (1997) encontraram resultados que correspondiam com estes dados, investigaram 156 famílias monoparentais africano-americanas com crianças entre os 6 e os 9 anos de idade, onde apenas a figura materna estava presente, estas famílias para além de viverem numa zona rural apresentavam na sua maioria um nível socioeconómico baixo, os resultados demonstraram que a falta de recursos económicos associava-se a sintomas depressivos e baixa autoestima por parte das mães, a autoestima foi também ligada a rotinas familiares e ao ajustamento da criança a nível psicossocial. Já o estudo realizado por Fişek (1992, cit. por Boylu et al., 2013), concluiu o contrário, percebendo que as famílias mais abastadas tinham problemas estruturais, sendo que as relações de poder e estatuto eram ambíguas, alterando-se entre os membros da família.

Embora os resultados neste campo de investigação possam variar, todos nos levam a uma ideia semelhante, o ambiente socioeconómico em que o sujeito convive afeta a forma como este irá interagir com os seus pares e como consecutivamente, irá educar os seus descendentes, sabemos então que existem variáveis com o poder de o influenciar sem estarem diretamente ligadas ao mesmo. O que nos leva até ao terceiro subsistema de Bronfenbrenner (1979), o exossistema, este embarca no pressuposto de que a pessoa é afetada por ambientes aos quais não está exposta diretamente, por intermedio de pessoas ou objetos que circulam entre sistemas conhecidos e

desconhecidos ao sujeito. Este representa um ambiente onde a pessoa não participa de uma forma ativa ou direta, mas que inclui tomadas de decisão, que podem modificar a sua vida, mesmo sem que o sujeito tenha conhecimento delas. Desta forma, entende-se que mudanças drásticas no funcionamento da sociedade como crises económicas, guerras, ou desastres naturais, possam também modificar o funcionamento de subsistemas privados. Assim, surge outro subsistema, o macrossistema, onde está representada a cultura em que a pessoa vive e todas as restantes ideologias que a afetam, como a economia, os valores culturais, a religião ou as crenças políticas de uma determinada sociedade ou localidade, neste sistema situam-se todos os aspetos que se encontram dentro de uma cultura, como a música, as leis, as artes, o que a sociedade acha correto ou errado, o acesso a bens como a medicina ou a educação. O que acontece dentro deste subsistema pode também afetar a forma como a pessoa se vai desenvolver, uma criança criada num contexto de guerra ou crise não se irá desenvolver da mesma forma que uma criança que cresça num contexto de paz, assim como uma criança criada dentro do contexto da religião católica formará conjuntos de crenças diferentes de uma criança criada dentro de outra religião, também qualquer acidente, desastre natural, ou crise económica poderá ter a capacidade de influenciar o estatuto socioeconómico do indivíduo e por sua vez a sua estrutura parental e familiar (Bronfenbrenner, 1979).

Depois do modelo ecológico, Bronfenbrenner (1994) criou o modelo Bio-ecológico do desenvolvimento, que juntou vários outros aspetos ao modelo anterior, este integrava quatro elementos chave, o processo de desenvolvimento, que envolve a relação entre o indivíduo e o contexto, a pessoa e as suas características únicas, o contexto de desenvolvimento que se conceptualiza como um conjunto de sistemas integrados (micro, meso, exo e macrossistema) e por fim o tempo (ou o cronossistema) onde se estudam as dimensões da temporalidade que podem influenciar o indivíduo.

O desenvolvimento é influenciado pelas interações recíprocas que acontecem dentro dos diversos sistemas, para serem eficazes estas interações devem ocorrer de forma regular ao longo de extensos períodos de tempo, esta forma de interação é designada como processo proximal, um elemento importante do desenvolvimento humano, pois é o mecanismo capaz de permitir que o potencial genético para o bom funcionamento psicológico se concretize. A forma, força, conteúdo e direção destes processos varia e depende das características da pessoa, do ambiente em que está inserida, da forma como se desenvolve e das mudanças sociais que ocorrem ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 1995).

Assim, como forma de incorporar a dimensão de tempo em relação ao desenvolvimento de uma pessoa, surge o cronossistema. O tempo pode influenciar um indivíduo de muitas formas diferentes, uma delas passa pelo *timing* da ocorrência de um evento, como por exemplo, a morte de um familiar próximo tem consequências diferentes dependendo da idade e período de desenvolvimento em que a pessoa se encontra quando é exposta a essa perda, uma criança irá responder de forma diferente de um adolescente ou adulto. O tempo pode também servir como influência através de eventos históricos, ou condições que existem apenas durante um dado período da vida de um indivíduo, por exemplo, o facto de uma pessoa ter crescido no seio de uma guerra ou durante uma ditadura. Esta diferença torna-se evidente quando se percebe o avanço da tecnologia, que afeta o desenvolvimento da sociedade de uma forma nunca vista anteriormente, deste modo, exposições a certos eventos vão ter um impacto em várias áreas da vida do sujeito, como no seu estilo de aprendizagem ou nas suas habilidades sociais (Bronfenbrenner, 1994).

O conjunto específico de particularidades na vida de uma pessoa faz com que as suas experiências sejam únicas, são criados cenários compostos pelo contexto, tempo e

espaço onde a pessoa interage. É com base nesta teoria que podemos compreender a forma como o contexto social, onde um indivíduo se desenvolve, o pode afetar e influenciar intrinsecamente (Bronfenbrenner, 1995). Os pais educam os filhos de acordo com as normas culturais do contexto onde circulam, estas concepções são passadas de geração em geração pelos familiares, pelas interações vivenciadas ao longo da vida e pelo próprio meio onde o indivíduo vive. A relação entre indivíduo e cultura é dinâmica e recíproca, assim, diferentes comunidades culturais têm diferentes expectativas acerca das competências que as crianças deviam adquirir em diferentes fases do seu desenvolvimento, podendo até discordar com a forma como outras sociedades lidam com estas aprendizagens, considerando-as perigosas. Desta forma é importante conhecer uma sociedade e o meio onde uma família se insere antes de se tentar entender as práticas parentais utilizadas pelos pais que a habitam, ou a forma de socialização dos filhos.

Harkness e Super (1994) sublinharam a importância das crenças parentais para o ambiente físico e social da criança, abordando o desenvolvimento infantil de um ponto de vista eco-cultural estruturado a partir de três aspetos principais: o ambiente físico e social, as práticas de cuidado diário da criança e as etnoteorias parentais. O ambiente físico e social contém o meio e as pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento, que afetam reciprocamente as suas interações. As práticas de cuidado diário contêm a forma como os cuidadores se comportam, de acordo com a sociedade onde se inserem. As etnoteorias parentais contêm os valores de socialização em que os pais acreditam, relativamente ao desenvolvimento e educação das suas crianças, são percecionadas como modelos culturais, por norma compartilhados no mesmo tipo de cultura pelas pessoas que nela coabitam, dirigem a forma como percecionam as suas experiências e objetivos, são criadas a partir da história da sua cultura e explicam a ideologia parental



que nela existe.

Para Keller (2012) as aprendizagens que fazemos durante o nosso desenvolvimento não se devem apenas à sociedade ou ao país em que estamos inseridos, mas sim às características sociodemográficas do local onde vivemos, e às necessidades que surgem com estas, ou seja, uma família que viva num contexto rural e necessite de subsistir da atividade agricultura vai priorizar a educação centrada nas relações interpessoais, pois existe uma maior necessidade de apoio entre pares e familiares, de modo a que a família possa viver bem. Assim, entende-se que os arquétipos culturais variam, não apenas com as distinções entre países, mas também entre etnias, localidades, características sociodemográficas, níveis socioeconómicos, níveis de escolaridade, género e até idade. Todas estas diferenças vão influenciar a cultura mais ampla onde estão inseridas, as suas crenças, valores e conceções.

Um estudo realizado nos Estados Unidos da América por Varela et al. (2004) com famílias de descendência mexicana e caucasiana, tentou compreender o impacto que a cultura teria nas práticas parentais utilizadas pelos cuidadores, os resultados encontrados indicaram que as diferenças nas práticas parentais dependiam mais do contexto ecológico em que se inseriam do que da cultura de que descendiam, chegando à conclusão de que a cultura onde a família crescia, parecia ter mais impacto nas práticas parentais do que a suas raízes de origem.

Uma investigação de Coleman, Ganong, Clark e Madsen (1989) mostrava diferenças no comportamento parental da população Americana, percebendo que pais de localidades rurais davam mais ênfase ao desenvolvimento intelectual e emocional do que os pais de localidades urbanas. Contudo estes achados não prevaleciam em todos os estudos, uma pesquisa longitudinal criada por Pinderhughes, Nix, Foster e Jones (2001) chegou, a conclusões distintas, com uma amostra de 368 mães provenientes de

comunidades em risco de diferentes partes dos Estados Unidos percebeu que as práticas parentais não eram moderadas pelo local onde residiam. Também Yang e Fetsch (2007) perceberam que esta diferença tinham pouco impacto quando realizaram um estudo que media a autoestima de crianças de meios rurais comparando-as com crianças urbanas e suburbanas chegando á conclusão de que existiam mais diferenças relativamente ao género das crianças do que ao local onde viviam.

No entanto, os resultados adquiridos com estas três investigações não iam de encontro à maioria das pesquisas encontradas, Davids, Roman e Leach (2015), perceberam resultados contrários, tentando comparar as diferentes formas de tomada de decisão e estilos parentais de famílias rurais do sul de Africa, utilizaram uma amostra contendo 457 adolescentes que frequentavam o nono ano de escolaridade, os dados conseguidos sugeriram que o estilo parental autoritativo surgia prevalente nesta zona, contudo não haviam sido encontradas diferenças significantes na estrutura familiar.

Uma investigação realizada em Portugal por Fontaine (1986) investigou 254 mães de pré-adolescentes entre os 10 e os 13 anos, provenientes de zonas rurais (Chaves e Arcos de Baúlhe) e urbanas (Porto), descobrindo que se encontravam também, diferenças nas práticas educativas relativamente ao nível socioeconómico e à área de residência, as mães vindas de zonas rurais e baixos níveis económicos apresentavam estilos autoritários e uma estrutura familiar mais rígida, dando menos autonomia aos seus filhos, mostravam menos expectativas em relação ao seu futuro do que as mães de zonas urbanas e níveis socioeconómicos mais altos. Simons, Johson, Conger e Lorenz (1997) encontraram resultados semelhantes, ao estudarem um grupo de mulheres divorciadas que viviam em pequenas comunidades nos Estados Unidos perceberam a existência que uma grande desorganização comunitária, muitas destas famílias apresentavam desvantagens socioeconómicas, o acesso a suportes sociais era reduzido

sendo a qualidade da parentalidade afetada.

Também uma pesquisa realizada por Armistead, Forehand, Brody e Maguen (2002) estudou os comportamentos parentais, percebendo que estes estavam associados a riscos no contexto ambiental, examinou 277 famílias monoparentais de contextos urbanos, que eram percebidos como mais violentos, e rurais percebidos como mais seguros, compreendendo que as mães de meio urbano tinham mais tendência a monitorizar os seus filhos, contudo o suporte e carinho não divergiram relativamente ao contexto, assim entendem-se também outras motivações capazes de influenciar o comportamento parental fazendo com que este possa ser diferente dependentemente do local de residência da família.

Deste modo entende-se que podem de facto existir variáveis sociodemográficas capazes de interferir no ambiente familiar e alterar a forma como suas dinâmicas vão ocorrer. Vários estudos confirmaram a diferença que a quantidade de filhos pode ter no funcionamento familiar, referindo que quanto maior era o número de filhos mais difícil seria a dinâmica familiar e os estilos parentais nela utilizados (Voydanoff & Donnelly, 1989). O mesmo aconteceu relativamente ao estatuto socioeconómico, onde a maioria das investigações apontava para um impacto negativo do baixo nível económico para o funcionamento familiar e parentalidade (Shaffer, 2005; Dooley & Stewart, 2007).

Quanto às distinções no meio de residência percebemos que os resultados aparentavam ser mais heterogéneos, visto que embora algumas pesquisas não apontassem diferenças entre meios rurais e urbanos (Yang e Fetsch 2007), foram descobertas investigações que indicavam diferenças entre ambas, tendo, a maioria atribuído características mais negativas a pais e famílias provenientes de meios rurais (Fontaine, 1986; Simons, Johnson, Conger & Lorenz, 1997).

Através desta discussão compreendeu-se assim que as interações entre o

ambiente e o sistema familiar parecem fazer parte da história da sociedade, tendo existido sempre ao longo do tempo, os pais absorvem as crenças e os valores que advêm da sua cultura e do contexto em que se desenvolveram, são estas que vão definir a sua forma de funcionamento (Sidebotham et al., 2001), permitindo que tenham as capacidades necessárias para passar aos filhos, ensinando-os a adaptarem-se no seu contexto (Maccoby, 2000).

Entende-se que a família é assim representada como sendo o berço onde a criança se desenvolve, o primeiro sistema a que tem acesso, dentro dela estão os cuidadores que medeiam o contacto que esta tem com o mundo exterior e consequentemente as aprendizagens que irá realizar através do mesmo (Bronfenbrenner, 1979). Portanto, os estilos parentais e o funcionamento familiar são variáveis com uma influência vital no desenvolvimento da criança, pois representam o contexto onde é traçada a sua educação e onde vai encontrar mecanismos de suporte para que possa crescer saudável (Matejevic et al., 2014). Estas representam também uma interação recíproca visto que o bom funcionamento familiar, vai levar a uma forma mais eficaz de parentalidade, o desenvolvimento saudável da criança que se consegue a partir de um estilo parental equilibrado terá um impacto positivo no funcionamento da sua família (Belsky, 1984).

Posto isto, conclui-se que embora a literatura encontrada tenha de facto detetado uma relação entre o funcionamento familiar e os estilos parentais, com o estudo das variáveis sociodemográficas encontraram-se investigações com resultados divergentes, no entanto, entende-se que muitos dos estudos anteriormente referidos foram realizados em culturas muito distintas, podendo vir a ser encontrados resultados diferentes na população portuguesa.

## **Objetivos**

Com consciência da influência que os componentes sociais podem ter no desenvolvimento das crianças, pretende-se com este estudo aprofundar a existência de variáveis sociais capazes de influenciar o funcionamento familiar e consequentemente os estilos parentais utilizados na educação das crianças portuguesas. Assim esta investigação tem como objetivo geral compreender e identificar a influência entre os estilos parentais e o funcionamento familiar. Para tal, foram definidos objetivos específicos que passam por:

- Compreender e identificar a relação entre o número de filhos e o funcionamento da família percebendo a sua influência nos estilos parentais;
- Compreender e identificar a relação entre o estatuto socioeconómico e o funcionamento da família percebendo a sua influência nos estilos parentais;
- Compreender e identificar a relação entre o meio de residência e o funcionamento da família percebendo a sua influência nos estilos parentais.



## Metodologia

### Amostra

Este estudo contou com a participação de homens e mulheres responsáveis pela educação de crianças e jovens entre os 6 e 16 anos de idade. A amostra recolhida incluiu 1116 participantes, contudo foram eliminados 20 dos questionários recolhidos, sendo que na amostra utilizada estiveram presentes os dados de 1096 indivíduos, entre os 20 e os 80 anos de idade (originado uma média de 41.65 anos), entre estes participantes encontravam-se 855 mulheres e 241 homens, assim, 78% da amostra era constituída por mulheres, enquanto os homens representavam apenas 22% da mesma.

Na percentagem relativa ao estatuto socioeconómico da amostra percebeu-se que embora o número de participantes seja semelhante entre os níveis socioeconómicos mais elevados, que simbolizam 35.6% da amostra ( $n = 388$ ) e mais baixos, representando 49.3% da população estudada ( $n = 537$ ), o número de participantes de nível socioeconómico médio mostrou-se mais reduzido, representando apenas 15.1% da amostra utilizada ( $n = 164$ ).

Relativamente ao meio de residência, concluiu-se que 52.1% destes participantes residiam num contexto rural de aldeia ou vila ( $n = 565$ ), enquanto 47.9% residiam num contexto urbano ( $n = 520$ ). Surgiram ainda diferenças na quantidade de filhos por participante, a maioria dos integrantes da amostra utilizada neste estudo fazia parte de uma família com dois filhos, representando 55.3% da população estudada ( $n = 410$ ), seguidamente surgiam os sujeitos integrantes de famílias com apenas 1 filho, que reproduziam 30% da população ( $n = 222$ ), e por fim, com um número bem mais reduzido, estavam os participantes de famílias mais numerosas, com 3 ou mais filhos, representando 14.7% da amostra estudada ( $n = 109$ ).

## **Instrumentos**

Os instrumentos utilizados nesta investigação foram escolhidos com o objetivo de analisar as variáveis em estudo de forma válida e eficaz, capaz de se adequar a uma amostra mais elevada, assim, foi utilizado um método quantitativo em ambos os instrumentos, dado que este permitia ao investigador a utilização de uma amostra maior, possibilitando o acesso à opinião de uma maior percentagem da população estudada. Esta metodologia oferecia também uma forma de investigação menos dispendiosa, dado que a sua aplicação é mais simples, sendo a análise dos dados realizada coletivamente, esta permitia a apresentação de resultados matemáticos, expressando com mais facilidade e fidelidade a opinião da população que se pretende estudar, possibilitando assim, a obtenção de resultados específicos à hipótese em estudo através da análise e comparação de variáveis específicas (Neves, 1996).

O questionário utilizado fazia parte de um estudo realizado em colaboração com o departamento de psicologia da Universidade Lusíada de Lisboa, assim, este continha não apenas os instrumentos utilizados nesta investigação, mas diversas outras escalas responsáveis por avaliar diferentes variáveis. Ao iniciar o inquérito os participantes deparavam-se com um questionário sociodemográfico, incluído com o intuito de compreender as características dos participantes, onde lhes eram solicitadas informações pessoais (como a idade, a escolaridade, o número de filhos, o meio de residência, a profissão, etc.) como forma de adquirir conhecimento acerca dos elementos que poderiam influenciar as variáveis em estudo.

Assim, os instrumentos utilizados nesta investigação foram escolhidos cuidadosamente como forma de recolher informação correspondente com os objetivos em estudo, ambas as escalas selecionadas serão descritas de seguida.



## **EMBU – P**

O EMBU-P é um instrumento criado a partir de uma escala de autorrelato já existente, a *Egna Minnen av Barndoms Uppfostram* desenvolvida por Perris et al., (1980, cit. por Canavarro & Pereira, 2007) este instrumento foi traduzido para português por Canavarro (1996, cit. por Canavarro & Pereira, 2007) de forma a avaliar os estilos parentais educativos através das memórias que os adultos tinham acerca dos estilos parentais utilizados pelos seus pais. A EMBU-P surgiu assim associada a esta antiga versão, tentando alcançar o mesmo objetivo de uma forma diferente, dedicava-se também a avaliar a parentalidade, agora através da perceção que os progenitores tinham dos seus próprios estilos parentais. Este instrumento é constituído por 44 itens preenchidos através de uma escala de Likert com 4 pontos que vai de “*não, nunca*” a “*sim, sempre*”, e que se divide em quatro dimensões: o suporte emocional (estudado a partir de 17 perguntas, que continha os itens: 1, 10, 16, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 36, 40, 41 e 42), a rejeição (calculada por 13 questões, contendo os itens: 2, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 25, 31, 33, 34, 35, 37 e 38) e a tentativa de controlo (que era estimada a partir de 19 perguntas, contendo os itens: 3, 6, 7, 9, 15, 19, 23, 24, 26, 29 e 39), expondo perguntas como: “*Costuma bater no seu filho?*”, “*Decide como o seu filho deve vestir-se ou que aspeto deve ter?*”, “*Fica triste por culpa do seu filho?*” ou “*Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?*”.

O seu estudo de validação para a população portuguesa foi realizado por Canavarro e Pereira (2007) indicando que os coeficientes de alfa de Cronbach mostram valores admissíveis de consistência interna, sendo que no questionário preenchido pelos pais encontraram-se valores de 0.82 na escala de suporte emocional, 0.73 na escala de tentativa de controlo e 0.87 na escala de rejeição. Já no questionário respondido pelas mães encontraram-se valores de 0.54 na escala de tentativa de controlo, 0.63 na escala

de rejeição, e 0.70 na escala de suporte emocional, mostrando-se válida para a população portuguesa.

### **Escala de estilos de funcionamento familiar (FFSS)**

A escala de estilos de funcionamento familiar é um instrumento criado por Trivette, Dunst, Deal, Hamby & Sexton (1988, cit. por Trivette et al., 1990), que será validado para a população portuguesa com os dados desta investigação (Gaspar, Cabrita & Santo, 2017). Esta escala foca-se nos aspetos positivos do funcionamento familiar medindo as forças, capacidades, e competências, que cada membro acredita ter presentes na sua família, avaliando a forma como mobiliza os seus recursos e os aplica para satisfazer as necessidades familiares e dar respostas apropriadas a situações de crise ou stresse, contribuindo para o funcionamento e união da família. Esta escala, direcionada a adultos, é constituída por uma escala de Likert de 5 pontos, que vão de “*nada como a minha família*” a “*quase sempre como a minha família*”, estruturados num questionário com 26 itens de autopreenchimento (Early, 2001).

A validação realizada no seu país de origem apresenta um alfa de confiança de 0.92 na utilização do número total de itens da escala, o alfa de confiança para os itens de subescala foi de 0.84 para compromisso, 0.85 para coesão, 0.79 para interação, 0.79 para valores e 0.77 para *coping*, sendo este considerado um instrumento consistente (Trivette et al., 1990). Contudo, a análise dos resultados do presente estudo foi forçada às dimensões utilizadas por Boylu et al. (2013), que obtiveram um alfa de 0.89 para a totalidade dos itens da escala, assim os fatores utilizados para a análise desta escala, dividiram-na em 5 dimensões: a interação, que contém 5 itens (12, 14, 16, 18 e 19), os valores familiares, que abrangem 9 itens (1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 13, 20), as estratégias de *coping*, que compreende 3 itens (10, 11 e 17), o compromisso familiar que, inclui 7 itens (15, 21, 22, 23, 24, 25 e 26) e por fim a dimensão de mobilização de recursos, que

contém dois itens extra (3 e 7), abrangendo perguntas como: “*Mesmo com horários complicados, encontramos tempo para estar juntos*”, “*Orgulhamo-nos mesmo do mais pequeno êxito dos membros da família*”, “*Não importa o que acontece na nossa família, tentamos ver o lado positivo.*” e “*Acreditamos que algo de bom resulta das piores situações.*”

## **Procedimentos**

Este estudo surgiu através de uma colaboração com o departamento de psicologia da Universidade Lusíada de Lisboa, que decidiu organizar entre os alunos de mestrado em psicologia clínica um grupo de pesquisa dentro da temática da parentalidade, cada aluno deveria escolher um conjunto de variáveis e com elas iniciar a sua investigação individual, que surgia como parte de um estudo mais vasto.

A escolha das temáticas presentes nesta investigação despontou a partir de um interesse na área da psicologia da família e da parentalidade, foi escolhido com consciência da importância que estas dinâmicas podem ter na vida de um indivíduo, nomeadamente na sua infância, enquanto relações primárias e influencias fulcrais para a sua personalidade, foi tida em conta a contribuição que este tipo de estudos poderia ter, abrindo caminho para intervenções primárias que diminuam o sofrimento e impulsionem uma população psicologicamente mais saudável.

O trabalho nesta investigação iniciou-se com uma pesquisa sobre as temáticas em causa, realizada com o intuito de definir um plano de investigação e perceber o tipo de variáveis que se poderiam relacionar com a parentalidade e a família. Com base nesta pesquisa, foi definido o principal objetivo (objetivo geral) da investigação, a este seguiram-se vários objetivos específicos relacionados com as quatro variáveis estudadas, de forma a compreender a relação que poderia existir entre estas e a temática em estudo.

Com todos os objetivos definidos, tentou-se perceber a forma como poderiam ser adaptados os instrumentos previamente definidos às variáveis em estudo e foi realizado um protocolo com todos os instrumentos que seriam utilizados na investigação, foi feita a caracterização destes instrumentos e uma descrição da sua finalidade.

A recolha da amostra foi realizada através de três métodos principais, o efeito bola de neve, a divulgação do questionário *online*, e uma amostra de conveniência, onde foram procurados locais que possibilitassem o acesso dos investigadores a encarregados de educação e cuidadores de crianças com a facha etária desejada, como escolas, centros de estudo e centros de explicações. Todos os participantes foram informados das características da investigação, aceitando preencher o questionário, assim, o seu envolvimento neste estudo realizou-se de acordo com o código ético, sendo totalmente voluntário e confidencial.

Realizou-se um contacto inicial com os locais de recolha de dados, onde se abordaram várias escolas em localidades rurais e urbanas, houve a necessidade de pedir autorização aos diretores de agrupamento, coordenadores e professores, para que fosse permitida a presença dos investigadores nas reuniões de pais ou o envio dos questionários através das crianças de forma a fazer chegar os instrumentos à população desejada.

A informação conseguida a partir da recolha de dados foi submetida a uma limpeza, tendo sido excluídos os participantes que não tinham pelo menos 80% do questionário preenchido. Assim, dos 1116 questionários recolhidos, foram retirados 20, sendo utilizada neste estudo uma amostra de 1096.

Enquanto era realizada a recolha de dados, foi efetuada uma pesquisa detalhada das variáveis em investigação, como forma de dar a conhecer o tipo de estudos

existentes na área e as conclusões que obtiveram, esta pesquisa deu origem à redação de um enquadramento teórico que serviu posteriormente de base para a discussão dos resultados encontrados a partir da presente investigação.

Seguidamente, deu-se início à análise de dados, este tratamento estatístico foi efetuado no programa S.P.S.S. (*Statistical Package for the Social Sciences*), onde foram realizados os cálculos necessários para estudar as variáveis em investigação. Foram registradas as frequências relativamente às variáveis sociodemográficas em estudo, que permitiram a contagem da população e da quantidade de respostas conseguidas com a amostra recolhida. De seguida, foi realizado o cálculo das estatísticas descritivas referentes às dimensões de cada uma das escalas utilizadas, que deram acesso à média e ao desvio padrão das respostas obtidas. Posteriormente, como forma de compreender a validade dos diferentes instrumentos utilizados, foram efetuados os cálculos de consistência interna, que permitiram descobrir o seu alfa de Cronbach.

Neste estudo tentou-se perceber a forma como os estilos parentais (variável dependente) podem ser afetados pelo funcionamento familiar (variável independente), sendo ainda mencionadas características sociodemográficas como o número de filhos, o estatuto socioeconómico e o meio de residência (variáveis independentes secundárias), visto que de acordo com a revisão de literatura encontrada, estas demonstravam ser fatores capazes de influenciar não só o funcionamento familiar, mas também os estilos parentais dos progenitores. Como tal, foram realizadas análises ANOVA *one-way*, de forma a descodificar as diferenças estatísticas existentes entre as três variáveis sociodemográficas e os estilos parentais, o mesmo procedimento foi utilizado como forma de descobrir as diferenças entre o funcionamento familiar e as mesmas dimensões sociodemográficas. Seguidamente foram calculadas as correlações entre as dimensões de estilos parentais e funcionamento familiar para compreender a forma

como estas variáveis se associavam. E por fim, foram realizadas regressões lineares de maneira a expor a forma como as diferentes variáveis independentes podem explicar a variável dependente de estilos parentais.

Como forma de assegurar a viabilidade dos resultados conseguidos nesta investigação, foi redigida uma discussão contendo a comparação entre estas descobertas e os estudos já existentes dentro das temáticas investigadas. Na conclusão, para além de um resumo dos achados científicos conseguidos com esta investigação, foram tidas em conta possíveis limitações ao estudo, sendo ainda oferecidas sugestões para possíveis pesquisas futuras.

## Resultados

No presente capítulo, serão apresentados os resultados, conseguidos através das análises efetuadas às respostas recolhidas a partir dos instrumentos utilizados, que iram servir como referência às conclusões deste estudo.

Inicialmente foram realizadas as estatísticas descritivas de cada uma das dimensões investigadas, pertencentes aos instrumentos em estudo. Relativamente à escala de estilos parentais utilizaram-se todos os pontos da escala de Likert nas dimensões de suporte emocional e tentativa de controlo, cuja média de respostas assentava em 3.36 e 2.60, respetivamente. A mesma variedade de respostas não se verificou na dimensão de rejeição, onde os participantes utilizaram apenas, as três primeiras opções de resposta, originando uma média de 1.62.

### Tabela 1

*Estatísticas descritivas da escala EMBU-P*

Dimensões	Mínimo	Máximo	M	DP
<b>Suporte emocional</b>	1	4	3.36	0.38
<b>Rejeição</b>	1	3	1.62	0.26
<b>Tentativa de controlo</b>	1	4	2.60	0.38

*Nota.* Nesta tabela encontram-se as estatísticas descritivas das diferentes dimensões pertencentes à escala de estilos parentais.

Já nas dimensões da escala de estilos de funcionamento familiar, foram selecionados todos os pontos da escala de Likert, sendo conseguida uma média de 3.88 na interação, 4.06 nos valores familiares, 3.46 no *coping*, 3.93 no compromisso e 3.01 nos recursos familiares.

**Tabela 2***Estatísticas descritivas da escala de estilos de funcionamento familiar*

<b>Dimensões</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Interação</b>	1	5	3.88	0.83
<b>Valores</b>	1	5	4.06	0.77
<b>Coping</b>	1	5	3.46	0.83
<b>Compromisso</b>	1	5	3.93	0.81
<b>Recursos</b>	1	5	3.01	1.09

*Nota.* Nesta tabela encontram-se as estatísticas descritivas das diferentes dimensões pertencentes à escala de estilos de funcionamento familiar.

De modo a descobrir os índices de consistência interna dos instrumentos, efetuou-se o cálculo do alfa de Cronbach a cada uma das suas dimensões, esta análise foi forçada aos fatores indicados pelo artigo de validação para a população portuguesa, no caso da escala EMBU-P (Canavarro & Pereira, 2007) e pelo artigo de Boylu et al. (2013), no caso da escala de estilos de funcionamento familiar.

Relativamente à escala de estilos parentais, o suporte emocional apresentava um alfa de 0.83, a rejeição continha um alfa de 0.71 e a tentativa de controlo mostrava um alfa de 0.65. Deste modo, percebemos que os valores apresentados nestes componentes não se encontravam demasiado baixos ou demasiado elevados podendo ser considerados como valores aceitáveis. Foram ainda descoberta as médias desta variável, compreendendo-se que a dimensão de suporte emocional continha uma média mais elevada, enquanto a da dimensão de tentativa de controlo se apresentava mais reduzida.

**Tabela 3***Estatísticas de confiabilidade da escala EMBU-P*

<b>Dimensões</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Alfa</b>
<b>Suporte emocional (14 itens)</b>	3.36	0.38	0.83
<b>Rejeição (17 itens)</b>	1.62	0.26	0.71
<b>Tentativa de controlo (11 itens)</b>	2.60	0.38	0.65

*Nota.* A presente tabela contém as estatísticas de confiabilidade das dimensões referentes à escala de estilos parentais.



Já no que se refere à escala de estilos de funcionamento familiar a dimensão de interação apresentava um alfa de 0.87, a dimensão de valores mostrava um alfa de 0.93., o *coping* continha um alfa de 0.70., o compromisso expunha um alfa de 0.90. e a dimensão de recursos exibia um alfa de 0.70, sendo perceptível que todas os componentes expunham valores aceitáveis, não se encontrando demasiado baixos ou demasiado elevados. Já a média mais elevada desta variável encontrava-se na dimensão de valores familiares, enquanto a dimensão de recursos familiares continha uma média mais reduzida.

#### Tabela 4

*Estatísticas de confiabilidade da escala de estilos de funcionamento familiar*

<b>Dimensões</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Alfa</b>
<b>Interação (5 itens)</b>	3.88	0.83	0.87
<b>Valores (9 itens)</b>	4.06	0.77	0.93
<b>Coping (3 itens)</b>	3.46	0.83	0.70
<b>Compromisso (7 itens)</b>	3.93	0.81	0.90
<b>Recursos (2 itens)</b>	3.01	1.09	0.71

*Nota.* A presente tabela contém a estatística de confiabilidade das diferentes dimensões da escala de estilos de funcionamento familiar.

Seguidamente realizaram-se análises de variância responsáveis por demonstrar as diferenças estatísticas existentes entre as componentes sociodemográficas e as variáveis de estilos parentais e estilos de funcionamento familiar.

A tabela representada abaixo (tabela 5) indica que relativamente à escala de estilos parentais, existem apenas diferenças significativas entre o número de filhos e a dimensão rejeição [ $F= 3.44 (2, 638)$ .  $p < 0.033$ ], sendo que cuidadores com 3 ou mais filhos tinham mais tendência de praticar comportamentos de rejeição, enquanto cuidadores com apenas um filho tinham menos tendência para exercer comportamentos de rejeição. Em relação à escala de estilos de funcionamento familiar também se percebem apenas diferenças significativas relativamente ao número de filhos, numa das

dimensões, a de *coping* [ $F= 3.05 (2, 693)$ .  $p < 0.048$ ], compreendendo-se que cuidadores com 2 filhos tinham mais tendência de utilizar estratégias familiares de *coping*, enquanto cuidadores com apenas 1 filho parecem ser os que apresentam menos tendência para utilizar estratégias de *coping*.

**Tabela 5**

*Análises de variância referentes ao número de filhos*

Dimensões	1 filho		2 filhos		Mais de 3 filhos		
	M	DP	M	DP	M	DP	F
<b>EMBU-P</b>							
<b>Suporte emocional</b>	3.38	0.34	3.33	0.37	3.31	0.46	1.15 (n.s.)
<b>Rejeição</b>	1.57	0.27	1.63	0.27	1.64	0.24	3.44*
<b>Tentativa de controlo</b>	2.66	0.35	2.63	0.37	2.61	0.36	0.69 (n.s.)
<b>Funcionamento da família</b>							
<b>Interação</b>	3.80	0.83	3.89	0.80	3.82	0.95	0.77 (n.s.)
<b>Valores</b>	4.01	0.79	4.09	0.72	4.04	0.89	0.75 (n.s.)
<b>Coping</b>	3.34	0.82	3.51	0.76	3.42	0.98	3.05*
<b>Compromisso</b>	3.89	0.86	3.91	0.77	3.71	1.08	0.88 (n.s.)
<b>Recursos</b>	2.71	1.17	2.85	1.18	2.86	1.10	0.46 (n.s.)

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

A seguinte tabela (tabela 6) indica que relativamente à escala de estilos parentais, existem diferenças significativas entre o nível socioeconómico elevado, médio e baixo e as dimensões de suporte emocional [ $F= 10.85 (2, 972)$ .  $p < 0.001$ ] e tentativa de controlo [ $F= 50.42 (2, 967)$ .  $p < 0.001$ ], sendo que pessoas de estatuto socioeconómico mais elevado apresentavam um nível superior de suporte emocional, enquanto indivíduos com um estatuto socioeconómico mais baixo aparentavam um nível de suporte emocional mais reduzido, também pessoas com estatuto socioeconómico mais baixo mostravam mais tendência de controlo parental, enquanto sujeitos com estatuto socioeconómico elevado tinham menos tendência a exercer estratégias de tentativa de controlo nos seus filhos.

Em relação à escala de estilos de funcionamento familiar percebem-se apenas diferenças significativas entre o nível socioeconómico elevado, médio e baixo na

dimensão de recursos [F= 3.50 (1, 544).  $p < 0.031$ ], deste modo, compreende-se que as pessoas com um nível socioeconómico médio apresentam uma maior tendência a utilizar recursos familiares, essa tendência apresenta-se mais reduzida em indivíduos com estatuto socioeconómico baixo.

**Tabela 6**

*Análises de variância referentes ao estatuto socioeconómico*

Dimensões	Elevado		Médio		Baixo		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
<b>EMBU-P</b>							
<b>Suporte emocional</b>	3.43	0.37	3.38	0.33	3.31	0.40	10.85 ***
<b>Rejeição</b>	1.60	0.24	1.64	0.25	1.63	0.28	1.17 (n.s.)
<b>Tentativa de controlo</b>	2.45	0.35	2.64	0.32	2.70	0.38	50.42***
<b>Funcionamento da família</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>F</b>
<b>Interação</b>	3.93	0.78	3.88	0.86	3.84	0.85	1.15 (n.s.)
<b>Valores</b>	4.09	0.75	4.09	0.77	4.04	0.78	0.47 (n.s.)
<b>Coping</b>	3.51	0.81	3.35	0.83	3.46	0.84	1.82 (n.s.)
<b>Compromisso</b>	3.96	0.78	3.88	0.87	3.92	0.82	0.36 (n.s.)
<b>Recursos</b>	3.11	0.100	3.12	1.03	2.86	1.18	3.50*

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Na tabela 7 surge a indicação de que relativamente à escala de estilos parentais, existem diferenças significativas entre meio rural e meio urbano e a dimensão de suporte emocional [F= 11.92 (1, 970).  $p < 0.001$ ], sendo que as pessoas residentes no meio urbano apresentavam um nível de suporte emocional mais elevado que as residentes no meio rural. Relativamente às diferentes dimensões da escala de estilos de funcionamento familiar, não foram encontradas diferenças significativas entre as variáveis de meio rural e urbano.

**Tabela 7***Análise de variância referentes ao meio de residência*

Dimensões	Rural		Urbano		F
	M	DP	M	DP	
<b>EMBU-P</b>					
<b>Suporte emocional</b>	3.32	0.41	3.41	0.34	11.92**
<b>Rejeição</b>	1.63	0.28	1.61	0.24	1.01 (n.s.)
<b>Tentativa de controlo</b>	2.61	0.40	2.58	0.36	1.29 (n.s.)
<b>Funcionamento da família</b>					
<b>Interação</b>	3,90	0,81	3,85	0,84	0,64 (n.s.)
<b>Valores</b>	4,07	0,77	4,04	0,77	0,35 (n.s.)
<b>Coping</b>	3,50	0,82	3,41	0,84	2,99 (n.s.)
<b>Compromisso</b>	3,95	0,82	3,91	0,80	0,38 (n.s.)
<b>Recursos</b>	2,00	1,08	3,01	1,10	0,03 (n.s.)

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Foram também comparadas as relações existentes entre as escalas de estilo parental e funcionamento familiar de forma a entender como se associam. Sendo testada a correlação existente entre as diversas dimensões da escala de estilos parentais, compreendeu-se que todas as variáveis são correlacionáveis de forma estatisticamente significativa, como esperado, todas se associam mutuamente.

**Tabela 8***Correlações entre as dimensões de estilo parental da escala EMBU-P*

Dimensões	Suporte emocional	Rejeição	Tentativa de controlo
	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>
<b>Suporte emocional</b>	-		
<b>Rejeição</b>	-0.21***	-	
<b>Tentativa de controlo</b>	0.23***	0.30***	-

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Também a correlação entre as diferentes dimensões de funcionamento familiar cumpriu o mesmo critério, todas as dimensões surgiram significativamente correlacionáveis entre si.

**Tabela 9***Correlações entre as dimensões da escala de estilo de funcionamento familiar*

Dimensões	Interação	Valores	Coping	Compromisso	Recursos
	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>
<b>Interação</b>	-				
<b>Valores</b>	0.85***	-			
<b>Coping</b>	0.64***	0.62***	-		
<b>Compromisso</b>	0.82***	0.82***	0.62***	-	
<b>Recursos</b>	0.34***	0.39***	0.41***	0.32***	-

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Contudo, uma vez comparadas as várias dimensões de ambas as escalas, compreende-se que nem todas se relacionavam. Enquanto a dimensão de suporte emocional, relativa aos estilos parentais, tivesse uma correlação positiva significativa com todas as dimensões da escala de estilos de funcionamento familiar, a dimensão de tentativa de controlo pertencente à escala EMBU-P, continha apenas uma correlação significativa com a dimensão de *coping* da escala de estilos de funcionamento familiar. Já a dimensão rejeição a tinha uma correlação negativa significativa com quatro das dimensões de funcionamento familiar: interação, valores, *coping* e compromisso.

**Tabela 10***Correlações entre as dimensões de estilo parental e funcionamento familiar*

Dimensões	Interação	Valores	Coping	Compromisso	Recursos
	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>
<b>Suporte emocional</b>	0.27***	0.29***	0.22***	0.26***	0.16***
<b>Rejeição</b>	- 0.14***	- 0.13***	- 0.12***	-0.10*	0.05 (n.s.)
<b>Tentativa de controlo</b>	0.04 (n.s.)	0.06 (n.s.)	0.07*	0.03 (n.s.)	0.06 (n.s.)

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Realizaram-se ainda análises de regressão de forma a tentar perceber a influência que as variáveis independentes têm sobre cada uma das dimensões que avaliava a variável dependente, de estilos parentais, onde foram incluídas também, variáveis de género e idade.

Os resultados revelaram que apenas as variáveis de género e valores familiares eram capazes de influenciar a variável de suporte emocional, sendo que estas explicam 38% da variância do suporte emocional. Assim, o modelo 1 que contém variáveis como o género, a idade e o número de filhos, tem uma variância explicada de 8% face à dimensão de suporte emocional [ $F= 0.08 (3, 241)$ .  $p < 0.000$ ], sendo que destas variáveis a única que apresenta um valor significativo é a variável de género. Já o modelo 2, acrescentando às variáveis apresentadas no modelo anterior a área de residência e o nível socioeconómico, tem uma variância explicada de 9% face a esta variável [ $F= 0.09 (5, 239)$ .  $p < 0.000$ ], contendo também, como significativo, apenas a variável de género. O terceiro modelo, que continua a acrescentar as dimensões relativas à escala de estilos de funcionamento familiar, mostra uma variância explicada de 21% face à mesma [ $F= 0.21 (10, 234)$ .  $p < 0.000$ ], encontrando significâncias apenas nas variáveis de género e valores de família.

**Tabela 11**

*Coefficientes de regressão para o modelo referente à dimensão de suporte emocional*

Modelo	Coefficientes	Coefficientes	<i>Beta</i>	<i>t</i>
	não padronizados <i>B</i>	Padronizados Erro Padrão		
<b>1 (Constante)</b>	3.79	0.20		19.29***
<b>Género</b>	-0.27	0.06	-0.29	-4.64***
<b>Idade</b>	-0.00	0.01	-0.03	-0.39 (n.s.)
<b>Número de filhos</b>	-0.01	0.04	-0.02	-0.37 (n.s.)
<b>2 (Constante)</b>	3.78	0.22		17.10***
<b>Género</b>	-0.27	0.06	-0.30	-4.66***
<b>Idade</b>	-0.00	0.01	-0.03	-0.53 (n.s.)
<b>Número de filhos</b>	-0.00	0.04	-0.00	-0.06 (n.s.)
<b>Área de residência</b>	0.05	0.05	0.06	1.03 (n.s.)

Modelo	Coeficientes não padronizados <i>B</i>	Coeficientes Padronizados Erro Padrão	<i>Beta</i>	<i>t</i>
<b>2</b> Nível socioeconómico	-0.02	0.01	-0.09	-1.45 (n.s.)
<b>3</b> (Constante)	2.99	0.24		12.27***
Género	-0.27	0.05	-0.29	-4.94***
Idade	-0.00	0.00	-0.04	-0.63 (n.s.)
Número de filhos	0.02	0.03	0.03	0.52 (n.s.)
Área de residência	0.05	0.05	0.07	1.19 (n.s.)
Nível socioeconómico	-0.03	0.01	-0.11	-1.87(n.s.)
Interação de família	-0.05	0.06	-0.11	-0.87 (n.s.)
Valores de família	0.17	0.07	0.34	2.65*
Coping de família	-0.02	0.04	-0.05	-0.63 (n.s.)
Compromisso de família	0.07	0.05	0.15	1.34 (n.s.)
Recursos de família	0.02	0.02	0.07	1.12 (n.s.)

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Em relação à variável de rejeição revelaram-se apenas significantes as variáveis de idade, número de filhos, e recursos de família. Assim, estas variáveis explicam 38% da variância de rejeição.

O modelo 1 que contém variáveis como o género, a idade e o número de filhos, tem uma variância explicada de 3% face á dimensão de rejeição [ $F= 0.03 (3, 228)$ .  $p < 0.031$ ], contendo apenas valores significantes relativamente à idade. Já o modelo 2, acrescentando às variáveis apresentadas no modelo anterior a área de residência e o nível socioeconómico, tem uma variância explicada de 3% face á dimensão de rejeição [ $F= 0.03 (5, 226)$ .  $p < 0.037$ ], no entanto apenas contém como significantes as variáveis de idade e número de filhos. Também o modelo 3, que continua a acrescentar as dimensões relativas à escala de estilos de funcionamento familiar, mostra uma variância explicada de 7% face á dimensão de rejeição [ $F= 0.07 (10, 221)$ .  $p < 0.003$ ], apresentando significância nos valores das variáveis de idade e recursos de família.

**Tabela 12***Coefficientes de regressão para o modelo referente à dimensão de rejeição*

<b>Modelo</b>	<b>Coefficientes não padronizados <i>B</i></b>	<b>Coefficientes Padronizados Erro Padrão</b>	<b><i>Beta</i></b>	<b><i>t</i></b>
<b>1 (Constante)</b>	1.93	0.14		14.26***
<b>Género</b>	0.01	0.04	0.01	0.21 (n.s.)
<b>Idade</b>	-0.01	0.00	-0.18	-2.66**
<b>Número de filhos</b>	0.04	0.03	0.12	1.75 (n.s.)
<b>2 (Constante)</b>	1.87	0.15		12.22***
<b>Género</b>	0.00	0.04	0.01	0.08 (n.s.)
<b>Idade</b>	-0.01	0.00	-0.18	-2.64**
<b>Número de filhos</b>	0.05	0.03	0.13	1.99*
<b>Área de residência</b>	0.05	0.03	0.09	1.39 (n.s.)
<b>Nível socioeconómico</b>	-0.01	0.01	-0.06	-0.83 (n.s.)
<b>3 (Constante)</b>	2.04	0.17		11.81***
<b>Género</b>	0.02	0.04	0.03	0.39 (n.s.)
<b>Idade</b>	-0.01	0.00	-0.17	-2.57*
<b>Número de filhos</b>	0.04	0.03	0.10	1.50 (n.s.)
<b>Área de residência</b>	0.05	0.03	0.09	1.37 (n.s.)
<b>Nível socioeconómico</b>	-0.01	0.01	-0.03	-0.49 (n.s.)
<b>Interação de família</b>	0.04	0.04	0.13	0.87 (n.s.)
<b>Valores de família</b>	-0.05	0.05	-0.15	-1.03 (n.s.)
<b>Coping de família</b>	-0.05	0.03	-0.18	-1.86 (n.s.)
<b>Compromisso de família</b>	-0.02	0.04	-0.06	-0.40 (n.s.)
<b>Recursos de família</b>	0.04	0.02	0.19	2.74**

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Já a variável de tentativa de controlo, encontra apenas significância na variável idade, sendo que esta explica 22% da variância da tentativa de controlo.

O modelo 1 que contém variáveis como o género, a idade e o número de filhos, tem uma variância explicada de 7% face à dimensão de tentativa de controlo [ $F = 0.07$  (3, 235).  $p < 0.000$ ], encontrando um valor significativo na variável idade. Já o modelo 2, acrescentando às variáveis apresentadas no modelo anterior a área de residência e o



nível socioeconómico, tem uma variância explicada de 7% face á dimensão de tentativa de controlo [F= 0.07 (5, 233).  $p < 0.001$ ], contendo como significante apenas a variável idade. Também o modelo 3, que continua a acrescentar as dimensões relativas à escala de estilos de funcionamento familiar, mostra uma variância explicada de 8% face á dimensão de tentativa de controlo [F= 0.08 (10, 228).  $p < 0.001$ ], tendo como significante mais uma vez o valor da variável idade.

**Tabela 13**

*Coefficientes de regressão para o modelo referente à dimensão de tentativa de controlo*

<b>Modelo</b>	<b>Coefficientes não padronizados</b>	<b>Coefficientes Padronizados</b>	<b>Beta</b>	<b>t</b>
	<b>B</b>	<b>Erro Padrão</b>		
<b>1 (Constante)</b>	3.37	0.18		19.01***
<b>Género</b>	-0.06	0.05	-0.08	-1.20 (n.s.)
<b>Idade</b>	-0.02	0.00	-0.26	-3.93***
<b>Número de filhos</b>	0.04	0.03	0.08	1.21 (n.s.)
<b>2 (Constante)</b>	3.26	0.20		16.15***
<b>Género</b>	-0.07	0.05	-0.08	-1.26 (n.s.)
<b>Idade</b>	-0.02	0.00	-0.25	-3.79***
<b>Número de filhos</b>	0.04	0.03	0.08	1.18 (n.s.)
<b>Área de residência</b>	0.05	0.05	0.07	1.12 (n.s.)
<b>Nível socioeconómico</b>	0.01	0.01	0.03	0.44 (n.s.)
<b>3 (Constante)</b>	3.09	0.23		13.29***
<b>Género</b>	-0.07	0.05	-0.08	-1.29 (n.s.)
<b>Idade</b>	-0.02	0.00	-0.25	-3.74***
<b>Número de filhos</b>	0.04	0.03	0.08	1.23 (n.s.)
<b>Área de residência</b>	0.05	0.05	0.07	1.07 (n.s.)
<b>Nível socioeconómico</b>	0.01	0.01	0.03	0.45 (n.s.)
<b>Interação de família</b>	0.03	0.06	0.07	0.47 (n.s.)
<b>Valores de família</b>	0.08	0.06	0.17	1.18 (n.s.)
<b>Coping de família</b>	-0.05	0.04	-0.12	-1.39 (n.s.)
<b>Compromisso de família</b>	-0.04	0.05	-0.10	-0.79 (n.s.)
<b>Recursos de família</b>	0.04	0.02	0.11	1.64 (n.s.)

Nota. \*\*\*  $p < 0,001$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*  $p < 0,05$

Deste modo compreende-se que relativamente à validade dos instrumentos psicométricos utilizados, o alfa de Cronbach mostrava valores aceitáveis em ambas as escalas. Os resultados conseguidos através destes instrumentos indicaram que existia de facto uma relação entre a grande maioria das dimensões de estilo parental e as dimensões representativas do funcionamento familiar. Também as diferentes variáveis sociodemográficas estudadas apresentaram valores significativos indicadores de relações existentes tanto com as dimensões de estilos parentais, como com as de funcionamento familiar.

## Discussão

Sabe-se que o desenvolvimento acontece a partir do contacto da criança com o mundo, controlado pelos seus progenitores, a relação da criança com os seus pais vai moldar a forma como cresce, definindo a pessoa em que se irá tornar (Bronfenbrenner, 1979). A parentalidade ganha, deste modo, uma importância acrescida, servindo de molde para as gerações futuras, neste estudo foram postas em causa variáveis potencialmente capazes de influenciar o comportamento parental.

O presente estudo tinha como objetivo entender a forma como os estilos parentais podem ser influenciados pelo funcionamento familiar. De acordo com a literatura encontrada, compreendeu-se que para além do funcionamento familiar, os estilos parentais poderiam estar associados a diferentes variáveis sociodemográficas. Incluíram-se então, variáveis como o número de filhos, o estatuto socioeconómico e o meio de residência, para que estas pudessem ser relacionadas com as variáveis de estilo parental e funcionamento familiar. Neste capítulo serão interpretados os resultados conseguidos com a investigação realizada tendo em conta as pesquisas já existentes nesta área a nível nacional e internacional.

No seio familiar, existem subsistemas constituídos a partir da interação entre os elementos independentes que nela coabitam, assim, acreditava-se que o estilo parental poderia depender das características particulares de cada membro, em conjunto com as relações que este estabelecia nos sistemas que integrava. Sendo o sistema familiar o que engloba os subsistemas matrimoniais, parentais e fraternos, este foi posto em causa pela presente investigação como sendo o que mais influenciava a parentalidade (Parke, 2004).

Os resultados conseguidos com esta investigação apresentavam evidências das relações existentes entre as diferentes variáveis em estudo na amostra utilizada.

Descobriu-se a partir desta investigação que os cuidadores que utilizam estratégias parentais ricas em suporte emocional, tinham mais tendência de implementar estilos familiares que envolvessem interação em família, valores, estratégias de *coping*, compromisso familiar e recursos. O que poderia significar que um bom funcionamento familiar vai dar aos cuidadores, mais disponibilidade e capacidade, que lhes permitirá, por sua vez, dar mais suporte emocional aos filhos (Beavers & Hampson, 2000), este suporte emocional ajuda os filhos a crescer saudáveis (McCarty et al., 2005) e um desenvolvimento saudável vai dar azos a uma melhor dinâmica familiar (Belsky, 1984).

No entanto, o contrário pode acontecer, a rejeição sentida pelos filhos pode criar desordem na estrutura do sistema, existindo um registo elevado de problemas desenvolvimentais e doenças psicológicas quando esta dimensão surge (Dwairy, 2010). A presente investigação concluiu que cuidadores com tendência a utilizar estilos parentais de rejeição apresentavam menos propensão em implementar estilos familiares que envolvessem interação, valores, *coping* e compromisso.

Já os cuidadores que se serviam de estratégias de controlo parental, apresentavam mais tendência a estar envolvidos em estilos familiares que incluíam mecanismos de *coping*. Estes mecanismos, muitas vezes referem-se a comportamentos de proteção, despontados como forma de eliminar ou modificar as condições que fazem com que um problema surja (Pearlin & Schooler, 1978). Um estudo realizado de forma a tentar compreender a associação entre os comportamentos parentais e riscos no contexto ambiental, deu a entender que as mães de meio urbano tinham mais tendência a monitorizar os seus filhos, de forma a protegê-lo, contudo o suporte e carinho não divergiram relativamente ao contexto (Armistead et al., 2002). Percebe-se então, que o controlo parental pode ser utilizado como um mecanismo de *coping*, como forma dos pais protegerem os seus filhos das adversidades, o que pode explicar a relação

encontrada entre estas duas variáveis.

Assim, compreende-se com os resultados deste estudo que a maioria das dimensões de estilos parentais averiguadas se relacionavam com os estilos de funcionamento familiar. Um estudo realizado por Matejevic et al., (2014), confirmava estes resultados, afirmando que os padrões de funcionamento familiar refletiam-se no estilo parental utilizado pelos progenitores, este autor tinha em conta as dimensões familiares criadas por Olson (2000), que defendiam também a existência de uma relação entre estas duas dimensões (Olson & Gorall, 2007).

Também Belsky (1984) defendeu esta comparação entre estilos parentais e funcionamento familiar, pressupondo com o seu modelo socio-contextual da parentalidade, que a personalidade dos pais, a sua história, o seu relacionamento conjugal, profissão e saúde psicológica podem interferir na maneira como interagem com os seus filhos, afetando as suas relações familiares. Acreditando que as redes de suporte social, a vizinhança e a comunidade em que viviam podiam ser cruciais para o funcionamento parental. Também as ideologias de cada cultura poderiam contar para o sistema de crenças desenvolvido, influenciando as atitudes dos cuidadores sobre a parentalidade. Este modelo foi posteriormente reanalisado por Kotchick e Forehand (2002), que chegaram à mesma conclusão, concluindo que existiam componentes sociais associados ao funcionamento parental.

Os resultados desta investigação deram a entender que embora o meio de residência tivesse influência relativamente ao estilo parental utilizado pelos cuidadores, esta estava apenas presente na variável de suporte emocional, cuidadores residentes em meios urbanos aparentam ter mais tendência a utilizar estratégias de suporte emocional do que cuidadores provenientes de meios rurais. Eram vários os autores que consideravam também esta ligação entre o ambiente e a parentalidade (Ogbu, 1995;

Murry et al., 2004; Sidebotham et al., 2001). Os achados do presente estudo iam de acordo com os resultados descobertos num estudo realizado em Portugal por Fontaine (1986) que encontrou diferenças entre os estilos parentais e as áreas de residência, descrevendo as mães do ambiente rural como autoritárias, dando menos autonomia aos seus filhos do que as mães de meio urbano. Compreendia-se então que os cuidadores provenientes de meios rurais aparentavam menos tendência para dar suporte emocional aos filhos do que os cuidadores residentes em meios urbanos, mostrando propensão para utilizar características mais autoritárias.

Contudo nem todos os estudos encontrados percecionavam esta relação da mesma forma, uma investigação conduzida por Coleman et al. (1989) mostrava o contrário, afirmando que pais oriundos de localidades rurais davam mais ênfase ao desenvolvimento intelectual e emocional dos filhos do que os provenientes de localidades urbanas. Pinderhughes et al. (2001) encontraram ainda outra opinião oposta, percebendo através de um estudo longitudinal, com mães de comunidades em risco, que as práticas parentais não eram moderadas pelo local onde residiam. Assim, compreendia-se que as opiniões divergiam, no entanto, os estudos realizados em Portugal chegaram à mesma conclusão de que existia uma relação entre o meio de residência e a parentalidade, sendo que os cuidadores oriundos de meios urbanos pareciam mais propensos a usar estilos parentais dirigidos para o suporte emocional, do que os cuidadores provenientes de meios rurais.

Rappaport, (1981, 1987) percecionava também o ambiente onde a pessoa vivia e a sua situação económica, como moldes para os pontos fortes e recursos que a sua família iria construir, assim sempre que a família mostrava vulnerabilidades, estas eram percecionadas, não como falhas no sistema familiar ou num dos seus membros, mas como fraquezas do sistema social onde a família se inseria. Deste modo, o ambiente

onde a pessoa vivia era responsável pela criação de condições para que a família pudesse aprender a controlar e administrar os seus recursos a partir dos seus pontos fortes, valorizando diferenças individuais em cada um dos membros da família.

Contudo, sendo que os resultados descobertos no presente estudo, relativamente ao funcionamento da família não encontraram diferenças significativas dentro desta variável, este pressuposto não pode ser confirmado por esta investigação.

O estudo português de Fontaine (1986) referido anteriormente, relacionava não apenas o meio de residência mas também o estatuto socioeconómico, revelando a existência de uma relação entre esta variável e a parentalidade, concluindo que um baixo estatuto socioeconómico levaria a estilos autoritários, que davam menos autonomia aos seus filhos. Resultados semelhantes foram encontrados por Shaffer (2005) tendo sido descoberto que os pais de níveis económicos mais baixos tinham menos tendência para a flexibilidade, mostrando menos carinho e afeto. Os resultados encontrados no presente estudo iam na mesma direção destes, sendo que os níveis de suporte emocional e tentativa de controlo utilizados pelos cuidadores surgiam relacionados com o seu nível socioeconómico, cuidadores com um estatuto socioeconómico mais elevado mostraram mais tendência para utilizar estratégias de suporte emocional e menos tendência para utilizar estratégias de controlo, enquanto cuidadores de estatuto socioeconómico baixo mostravam respostas opostas, expondo mais tendência a utilizar estratégias de controlo e menos de suporte emocional. O nível socioeconómico está também associado a recursos familiares, sendo que cuidadores de famílias com um nível socioeconómico médio apresentam mais tendência a utilizar recursos familiares do que cuidadores de famílias mais necessitadas. Deste modo compreendia-se que cuidadores de níveis socioeconómicos mais baixos pareciam ter menos flexibilidade, dando menos suporte emocional aos seus filhos, tendo menos

disponibilidade para suscitar recursos familiares.

Dooley & Stewart (2007) aperceberam-se também de uma relação entre a parentalidade e o estatuto socioeconómico através de realização de um estudo comparando o desenvolvimento das crianças e os estilos parentais utilizados pelos progenitores, descobriram que existia uma relação entre o rendimento familiar e as quatro medidas de estilo parental.

Compreendia-se então que tal como McLoyd (1990) referiu, talvez existisse uma maior vulnerabilidade por parte dos pais com um estatuto socioeconómico mais baixo, dado que segundo o mesmo, a pobreza podia ser responsável pela diminuição da capacidade de suporte e consistência familiar, tornando os pais mais indefesos relativamente às dificuldades quotidianas e fazendo com que tivessem menos disponibilidade para se envolverem na parentalidade.

O mesmo tipo de problemática podia acontecer com o aumento do número de filhos, sabe-se que o sistema familiar, assim como o sistema parental, pode sofrer alterações com a entrada de novos membros na família (Belsky et al., 1989), há medida em que o número de filhos aumenta, a disponibilidade dos pais, assim como os recursos familiares podem ter a tendência de diminuir, sendo necessária uma maior capacidade de regular os recursos existentes entre os diferentes membros da família (Downey, 1995). Compreendiam-se então os resultados conseguidos com o presente estudo, os cálculos executados chegaram à conclusão de que o número de filhos parecia relacionar-se com o nível de rejeição utilizado na prática parental, assim, cuidadores com 3 ou mais filhos mostravam mais tendência para utilizar mecanismos de rejeição do que aqueles que tinham apenas 1 ou 2 filhos. O nível de *coping* utilizado na família aparentava também ter peso nesta variável, este aumentava nas respostas dos cuidadores com 2 filhos e diminuí nos que tinham apenas 1. Assim, o facto de existirem mais filhos



numa família poderia dificultar a gestão de recursos dentro da mesma, os cuidadores necessitavam de utilizar mais estratégias de *coping*, existindo mais propensão à rejeição parental, sendo que estas estavam menos disponíveis.

Esta problemática era também visível na investigação realizada com crianças por Elder e Bowerman (1963), tentando perceber a relação entre os estilos parentais e o tamanho da família, concluíram que quando o tamanho da família aumenta as raparigas tinham tendência a perceber os pais como tomadores de decisão face a sua educação, menos comunicativos e mais controladores, relatando que estes tinham mais probabilidade de usar uma punição física, elogiando menos vezes.

Tais resultados poderiam ainda ser explicados através dos pressupostos de Bronfenbrenner (1979), segundo este, os comportamentos de um dado indivíduo dentro de um subsistema diferem dependendo da sua companhia, num sistema familiar as dinâmicas seriam modificadas se o número de membros da família crescesse, dependendo da situações e dos elementos que estivessem presentes os comportamento entre os membros da família poderia diferenciar (Parke, 2004) explicando a influencia desta variável, tanto no estilo parental utilizado pelos progenitores como no estilo de funcionamento familiar adotado pelos mesmos.

De acordo com a teoria de Bronfenbrenner (1979) existia uma relação entre todos os sistemas que interagem na vida de um indivíduo, deste modo, todas as variáveis estudadas trabalhavam em conjunto, construindo caminho para o desenvolvimento do indivíduo. De certa forma, os resultados encontrados neste estudo iam de acordo com esta teoria, embora não se tenham encontrado relações entre todas as variáveis, a ideia de adaptação esteve bastante presente nestes resultados, constou que perante situações de desvantagem, ou situações potencialmente problemáticas, os cuidadores pareciam encontrar estratégias de compensação de forma a tentar assegurar a

sua parentalidade. Tal espelhava-se nos resultados referentes ao estatuto socioeconómico onde se compreende que os cuidadores de estatuto socioeconómico mais baixo que mostravam menos tendência para dar suporte emocional aos seus filhos tentando compensar na sua educação, mostravam mais tendência de controlo, o contrário verificou-se nos cuidadores de níveis socioeconómicos mais elevados, que ao conseguirem dar mais suporte emocional aos seus filhos, não tinham tanta necessidade de utilizar estratégias de controlo. Esta forma de compensação pode também ser explicada pelo processo de reorganização que acontece dentro de uma família permitindo que o equilíbrio dentro da mesma não seja perturbado (Bornstein & Sawyer, 2006).

Contudo, ainda que estas relações estivessem presentes nos resultados deste estudo, compreendeu-se através dos cálculos de regressão que nem todas elas tinham igual influencia na variável de estilos parentais, de todas as dimensões referidas apenas os valores familiares e o número de filhos pareciam exercer uma influencia significativa, no entanto constaram duas outras variáveis influenciadas, que embora não tivessem sido incluídas neste estudo pareciam ter relevância na forma como influenciavam a parentalidade, a idade dos cuidadores e o género representavam assim um peso significativo nesta variável, a idade surgia associada com a rejeição e o controlo parental, enquanto o género surgia associado à dimensão de suporte emocional. Um estudo que analisava a relação entre pais e filhos com idades compreendidas entre o final da infância e o início da adolescência, percebeu também a influencia desta variável, descobrindo as diferenças de género existentes relativamente ao tipo de características parentais utilizados pelos progenitores, mostrou que as mães tendem a oferecer suporte emocional aos filhos independentemente do seu género, enquanto os pais mostram mais envolvimento para com os filhos de género masculino, sendo que

este se centra essencialmente num tipo de suporte mais prático (Starrels, 1994). Também, Hein e Lewko (1994) investigaram as diferenças de género relativas aos estilos parentais, recolhendo uma amostra de 363 estudantes, compreenderam que existiam de facto diferenças géneros relativamente ao estilo parental autoritativo, percebendo também os efeitos positivos que este estilo de parentalidade exercia nos adolescentes.

Em suma, encontram-se a partir dos resultados deste estudo um conjunto de provas que evidenciam a existência de uma ligação significativa entre os estilos parentais e o funcionamento familiar, contudo, embora não esteja presente uma relação em todas as suas dimensões, percebeu-se que a existência de uma conexão entre ambas as variáveis permaneceu visível. Relativamente às variáveis sociodemográficas percebeu-se ainda que existia, como previsto partir de posteriores estudos, uma relação com a variável de estilos parentais, contudo, quando comparadas com o funcionamento familiar, as variáveis em causa não se mostraram tão relevantes, contrariamente ao aludido na maioria das investigações anteriormente estudadas.



## Conclusão

Através desta investigação concluiu-se os estilos parentais estão de facto, relacionados com o funcionamento da família, assim, embora algumas das dimensões sociodemográficas não se associem com as variáveis em estudo, as três dimensões de estilo parental correlacionam-se com a grande maioria das dimensões de funcionamento familiar. À medida que o suporte emocional aumentava, os cuidadores, tinham a tendência de demonstrar estilos de funcionamento familiar mais positivos, já quando utilizavam estratégias de rejeição, a utilização de atitudes positivas de funcionamento familiar diminuía. No entanto, quando mencionado o controlo parental, os resultados não pareciam ser tão evidentes, esta ambiguidade podia advir do facto da variável, não ter uma conotação positiva ou negativa, pois embora possa ser percebida do ponto de vista castrador e autoritário, tem também um fator de proteção e suporte, podendo criar resultados dúbios, o que poderá ter atuado como uma limitação para a investigação decorrida.

Relacionadas com a parentalidade e a família surgiram também variáveis sociodemográficas, que contribuía para o funcionamento parental, tendo a capacidade de o influenciar. Assim, apesar de nem todas as variáveis se relacionarem significativamente, percebeu-se entre elas, uma relação, que ia maioritariamente de encontro com a revisão de literatura encontrada.

Surgiram durante o processo da investigação certos pormenores capazes de limitar o estudo em decorrência. Uma das principais limitações encontradas assentava na base de que um dos questionários utilizados como instrumento, o questionário de estilos de funcionamento familiar, não havia ainda sido validado na população portuguesa, fazendo deste um estudo piloto, que advinha com a possibilidade de encontrar problemas na consistência e validade do instrumento. O facto de esta ser uma

investigação realizada em colaboração, trouxe vantagens, possibilitando a expansão da amostra, contudo, estando os instrumentos inseridos num protocolo mais extenso, uma limitação poderia surgir, o tamanho do questionário pode ter provocado oposições ao seu preenchimento, podendo ter originado desistências por parte dos participantes, há que ter em conta também o facto de que com esta investigação, existia apenas acesso a um dos cuidadores e como tal a um dos elementos da família, não tendo sido conseguido acesso à dinâmica familiar real.

Deste modo, são deixadas sugestões para o benefício de futuros estudos, sugere-se a realização de um estudo que possa adicionar a opinião dos vários membros da família, incluindo ambos os cuidadores responsáveis pela educação da criança e até a própria criança. Através dos resultados das regressões abrange-se também o interesse que pode existir na criação de um estudo que tente compreender o impacto das diferenças de género nos estilos parentais, nomeadamente na dimensão de suporte emocional, o aprofundamento desta temática poderia ajudar a compreender as necessidades existentes relativamente às dinâmicas parentais, sendo que como é sabido ambos os cuidadores têm impacto no desenvolvimento da criança (Bornstein & Sawyer, 2006) e como tal os comportamentos e opiniões de ambos devem ser apurados.

Todavia, acreditamos que os resultados deste estudo contribuíram para aumentar a perceção sobre esta temática, oferecendo uma nova perspectiva que auxiliava profissionais e cuidadores a compreender a interação entre estas variáveis e a forma como se podem afetar mutuamente, abrindo caminho para possíveis intervenções, que permitam o domínio do sofrimento e deem azo a uma população psicologicamente saudável.

## Referências

- Armistead, L., Forehand, R., Brody, G., & Maguen, S. (2002). Parenting and child psychosocial adjustment in single-parent African American families: Is community context important?. *Behavior Therapy, 33*(3), 361-375.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development, 887-907*.
- Beavers, R., & Hampson, R. B. (2000). The Beavers systems model of family functioning. *Journal of Family Therapy, 22*(2), 128-143.
- Beavers, W. R., & Hampson, R. B. (2003). Measuring family competence: The Beavers systems model.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Belsky, J., Rovine, M., & Fish, M. (1989). The developing family system. In M. Gunnar & E. Thelen (Eds.), *The Minnesota Symposium on Child Psychology: Vol. 22. Systems and development* (pp. 119–166). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bögels, S. M., & Brechman-Toussaint, M. L. (2006). Family issues in child anxiety: Attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical psychology review, 26*(7), 834-856.
- Bornstein, M. H. (Ed.). (2005). *Handbook of parenting: volume 4 social conditions and applied parenting*. Psychology Press.
- Bornstein, M. H., & Sawyer, J. (2006). Family systems. *Blackwell handbook of early childhood development, 380-398*.
- Bowlby, J. (1980). Attachment and loss: Volume 3. Loss. *New York: Basic*.
- Boylu, A. A., Copur, Z., & Öztop, H. (2013). Investigation of the Factors Influencing

- Family Functions Style. *International Journal of Research in Business and Social Science*, 2(3), 26.
- Bradley, R. H., Whiteside, L., Mundfrom, D. J., Casey, P. H., Kelleher, K. J., & Pope, S. K. (1994). Early indications of resilience and their relation to experiences in the home environments of low birthweight, premature children living in poverty. *Child development*, 65(2), 346-360.
- Bray, J. H. (1995). Family assessment: Current issues in evaluating families. *Family Relations*, 469-477.
- Brody, G. H., & Flor, D. L. (1997). Maternal psychological functioning, family processes, and child adjustment in rural, single-parent, African American families. *Developmental psychology*, 33(6), 1000.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American psychologist*, 32(7), 513.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Cambridge, CA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. *Readings on the development of children*, 2(1), 37-43.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development*, 619, 647.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 2(24).
- Coleman, M., Ganong, L. H., Clark, J. M., & Madsen, R. (1989). Parenting perceptions in rural and urban families: Is there a difference?. *Journal of Marriage and the*



*Family*, 329-335.

- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological bulletin*, 113(3), 487.
- Davids, E. L., Roman, N. V., & Leach, L. (2015). The effect of family structure on decision making, parenting styles and healthy lifestyle behaviour of adolescents in rural South Africa. *African Journal for Physical Health Education, Recreation and Dance*, 21(Issue-32), 953-967.
- Davis-Kean, P. E. (2005). The Influence of Parent Education and Family Income on Child Achievement: The Indirect Role of Parental Expectations and the Home Environment. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 294-304.
- Dooley, M. D., Curtis, L., Lipman, E. L., & Feeny, D. H. (1998). Child psychiatric disorders, poor school performance and social problems: the roles of family structure and low-income. In *Labour markets, social institutions, and the future of Canada's children*, (89-553).
- Dooley, M., & Stewart, J. (2007). Family income, parenting styles and child behavioural–emotional outcomes. *Health economics*, 16(2), 145-162.
- Downey, D. B. (1995). When bigger is not better: Family size, parental resources, and children's educational performance. *American sociological review*, 746-761.
- Dunn, J., & Plomin, R. (1991). Why are siblings so different? The significance of differences in sibling experiences within the family. *Family process*, 30(3), 271-283.
- Dunst, C. J., Leet, H. E., & Trivette, C. M. (1988). Family resources, personal well-being, and early intervention. *The Journal of Special Education*, 22(1), 108-116.
- Dwairy, M. (2010). Parental acceptance - rejection: a fourth cross-cultural research on parenting and psychological adjustment of children. *Journal of Child and Family*

- Studies*, 19(1), 30-35.
- Early, T. (2001). Measures for practice with families from a strengths perspective. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 82(3), 225-232.
- Elder Jr, G. H., & Bowerman, C. E. (1963). Family structure and child-rearing patterns: The effect of family size and sex composition. *American Sociological Review*, 891-905.
- Falbo, T., & Polit, D. F. (1986). Quantitative review of the only child literature: Research evidence and theory development. *Psychological Bulletin*, 100(2), 176.
- Fernández, P. S., Maldonado, I. H., & Gallardo, E. T. (2013). Utilización del Family Functioning style scale.
- Flouri, E., Tzavidis, N., & Kallis, C. (2009). Area and family effects on the psychopathology of the Millennium Cohort Study children and their older siblings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51, 152-161.
- Fontaine, A. M. (1986). Práticas educativas de mães portuguesas. Diferenças em função do nível socioeconómico e da zona de residência da família. *Análise Social*, 22(92/93), 795-811.
- Gaspar, T., Cabrita, T., & Santo, R. (2017, artigo em preparação). Validação da escala de estilos de funcionamento familiar para a população portuguesa. *Universidade Lusitana de Lisboa*.
- Golombok, S. (2002). Parenting and contemporary reproductive technologies. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 3. Status and social conditions of parenting* (2nd ed., pp. 339–360). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Grusec, J. E., Hastings, P., & Mammone, N. (1994). Parenting cognitions and relationship schemas. *New Directions for Child and Adolescent*

- Development*, 1994(66), 5-19.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1994). Developmental niche: a theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science and Medicine*, 38, 219-226.
- Hein, C., & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style: A study of high performing science students. *Journal of Adolescent Research*, 9(2), 262-281.
- Hoghughi, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp. 1-18). London: Sage.
- Hormazábal, J., Theune, V., & Escobar, J. (2004). Funcionamiento familiar de trabajadores-jefes de hogar en sistema de turnos de una empresa de Talcahuano, Chile. *Ciencia y enfermería*, 10(1), 23-30.
- Huh, D., Tristan, J., Wade, E., & Stice, E. (2006). Does problem behavior elicit poor parenting? A prospective study of adolescent girls. *Journal of Adolescent Research*, 21, 185-204.
- Instituto Nacional de Estatística, I. P. (2012). Censos 2011 resultados definitivos- Portugal. *Lisboa-Portugal: Instituto Nacional de Estatística, IP*.
- Karraker, K. H., & Coleman, P. K. (2005). The effects of child characteristics on parenting. *Parenting: An ecological perspective*, 147-176.
- Keller, H. (2012). Autonomy and relatedness revisited: Cultural manifestations of universal human needs. *Child Development Perspectives*, 6(1), 12-18.
- Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2002). Perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment: A meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 54-64.

- Kohn, M. (1989). *Class and conformity: A study in values*. University of Chicago Press.
- Kotchick, B. & Forehand, R. (2002). Putting parenting in perspective: a discussion of the contextual factors that shape parenting practices. *Journal of Child and Family Studies, 11*, 255-269.
- Luster, T. & Okagaki, L. (2005). *Parenting: an ecological perspective* (2nd ed). Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology, 51*, 1-27.
- Matejevic, M., Todorovic, J., & Jovanovic, A. D. (2014). Patterns of family functioning and dimensions of parenting style. *Procedia-Social and Behavioral Sciences, 141*, 431-437.
- Mccarty, C. A., Zimmerman, F. J., Diguseppe, D. L., & Christakis, D. A. (2005). Parental emotional support and subsequent internalizing and externalizing problems among children. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics, 26*(4), 267-275.
- McLoyd, V. C. (1990). The impact of economic hardship on Black families and children: Psychological distress, parenting, and socioemotional development. *Child development, 61*(2), 311-346.
- Minuchin, P. (2002). Looking toward the horizon: Present and future in the study of family systems. *Retrospect and prospect in the psychological study of families, 259-278*.
- Miranda, J., Bernal, G., Lau, A., Kohn, L., Hwang, W-C., & LaFromboise, T. (2005). State of the science on psychosocial interventions for ethnic minorities. *Annual Review of Clinical Psychology, 1*, 113–142.
- Murry, V. M., Kotchick, B., Wallace, S., Ketchen, B., Eddings, K, Heller, L., & Collier,

- I. (2004). Race, culture, and ethnicity: implications for a community intervention. *Journal of Child and Family Studies*, 13, 81–99.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração, São Paulo*, 1(3), 2.
- Ogbu, J. (1995). Origins of human competence: A cultural-ecological perspective. In N. R. Goldberger & J. B. Veroff (Eds.), *The culture and psychology reader* (pp. 245-275).
- Olson, D. H. (2000): Circumplex Model of Marital and Family Systems, *Journal of Family Therapy*, 22, 144 - 167.
- Olson, D.H. & Gorall, D. M. (2007). *FACES IV and Circumplex model, Validation Study*. St. Paul, MN: University of Minnesota.
- Parke, R. D. (2004). Development in the family. *Annu. Rev. Psychol.*, 55, 365-399.
- Parke, R. D., & O'Neil, R. (1999, March). Social relationships across contexts: Family-peer linkages. In *Relationships as developmental contexts. The Minnesota symposia on child psychology* (Vol. 30, pp. 211-239).
- Pearlin, L. I., & Schooler, C. (1978). The structure of coping. *Journal of health and social behavior*, 2-21.
- Pinderhughes, E. E., Nix, R., Foster, E. M., & Jones, D. (2001). Parenting in context: Impact of neighborhood poverty, residential stability, public services, social networks, and danger on parental behaviors. *Journal of Marriage and Family*, 63(4), 941-953.
- Rappaport, J. (1981). In praise of paradox: A social policy of empowerment over prevention. *American journal of community psychology*, 9(1), 1-25.
- Rappaport, J. (1987). Terms of empowerment/exemplars of prevention: Toward a theory for community psychology. *American journal of community*

*psychology*, 15(2), 121-148.

Rohner, R. P. (1986). *The warmth dimension: Foundations of parental acceptance-rejection theory*. Sage Publications, Inc.

Rohner, R. P., Khaleque, A., & Cournoyer, D. E. (2005). Parental acceptance-rejection: Theory, methods, cross-cultural evidence, and implications. *Ethos*, 33(3), 299-334.

Shaffer, D. (2005) *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo. Thomson Learning. Tradução: Cancissu.

Sidebotham, P. & ALSPAC Study Team (2001). Culture, stress and the parent-child relationship: a qualitative study of parents' perceptions of parenting. *Child: Care, Health and Development*, 27, 469-485.

Simons, R. L., Johnson, C., Conger, R. D., & Lorenz, F. O. (1997). Linking community context to quality of parenting: A study of rural families1. *Rural Sociology*, 62(2), 207-230.

Sputa, C. L., & Paulson, S. E. (1995). Birth order and family size: Influences on adolescents' achievement and related parenting behaviors. *Psychological Reports*, 76(1), 43-51.

Starrels, M. E. (1994). Gender differences in parent-child relations. *Journal of family Issues*, 15(1), 148-165.

Trivette, C. M., Dunst, C. J., Deal, A. G., Hamer, A. W., & Propst, S. (1990). Assessing family strengths and family functioning style. *Topics in Early Childhood Special Education*, 10(1), 16-35.

Varela, R. E., Vernberg, E. M., Sanchez-Sosa, J. J., Riveros, A., Mitchell, M., & Mashunkashey, J. (2004). Parenting style of Mexican, Mexican American, and Caucasian-non-Hispanic families: social context and cultural influences. *Journal*

*of Family Psychology, 18(4), 651.*

Voydanoff, P., & Donnelly, B. W. (1989). Work and family roles and psychological distress. *Journal of Marriage and Family, 51*, 923–932.

Winnicott, D. W. (1965). 1960 Ego distortion in terms of true and false self. *The maturational processes and the facilitating environment.*

Yang, R. K., & Fetsch, R. J. (2007). The self-esteem of rural children. *Journal of Research in Rural Education, 22(5), 22-5.*





**ANEXOS**

---



## **LISTA DE ANEXOS**

**Anexo A** - Questionário

**Anexo B** - Carta de consentimento informado aos diretores das escolas



---

**ANEXO A**  
Questionário



**PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.**

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades. Os dados serão recolhidos através do instrumento seguinte e tem um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

A sua colaboração é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda a todas as questões apresentadas com a máxima sinceridade possível. Sempre que lhe surgirem dúvidas, poderá esclarecê-las junto da pessoa que está na sala a aplicar os questionários. Muito obrigada pela sua colaboração.

**1. Idade** \_\_\_\_\_

**2. Estado Civil**

Solteiro(a)  
 União de Facto  
 Casado(a)  
 Separado(a)  
 Divorciado(a)  
 Viúvo(a)


**3. Género** Feminino   
 Masculino

**4. Quantos filhos tem?** \_\_\_\_\_

**4.1. Idade(s) de cada filho(a)** \_\_\_\_\_

**5. Nível de escolaridade**

Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>		
Não completou o Ensino Básico	<input type="checkbox"/>		
Ensino Básico	1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	3º Ciclo
Ensino Secundário	10º Ano	<input type="checkbox"/>	12º Ano
Licenciatura			
Mestrado			
Doutoramento			

**6. Área de residência**

Aldeia   
 Vila   
 Cidade

**7. Pessoa com quem coabita**

Sozinho(a)   
 Cônjuge   
 Cônjuge e Filhos   
 Filhos   
 Outros parentes

**8. Situação profissional**

Empregado(a) por conta própria   
 Empregado(a) por contra de outrem   
 Desempregado(a)   
 Reformado(a)   
 Outra \_\_\_\_\_

**9. Profissão**

**Dados do Agregado Familiar e do (s) Filho (s) com idades entre os 6 e os 16 anos (se tiver mais do três filhos com estas idades responda em relação aos 3 mais velhos):**

**10. Escolaridade**

1º Ciclo  
 2º Ciclo  
 3º Ciclo  
 Secundário

Filho1	Filho2	Filho3

**11. Frequenta o ensino:**

Público  
 Privado  
 IPSS

Filho1	Filho2	Filho3

**12. O seu educando frequenta atividades extracurriculares?**

Não  
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

**12.1. Quantas atividades extracurriculares tem?**

1  
 2 a 3  
 Mais de 4

Filho1	Filho2	Filho3

**12.2. Quais ?** \_\_\_\_\_

**12.3. Com que frequência?**

0-1 p/semana  
 2-3 p/semana  
 4-6 p/semana  
 Mais de 7 vezes p/ semana

Filho1	Filho2	Filho3

**13. Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?**

Não  
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

**13.1. Número de vezes por semana**

2 vezes  
 1 vezes  
 + 3 vezes

Filho1	Filho2	Filho3

**13.2. Desportista(s) federado?**

Não  
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

**14. O(s) seu(s) educando(s) frequenta(m) um Centro de Estudos ou ATL?**

Não  
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Qual a razão? \_\_\_\_\_



**15. Com que antecedência chega(m) o seu(s) filho(s) à escola antes da 1ª aula do dia ?**

15min ou hora certa  
30min  
1h

Filho1	Filho2	Filho3

**16. A que horas chega(m) geralmente a casa?**

Antes das 17h30  
Entre as 17h30 e às 19h30  
Depois das 19h30

Filho1	Filho2	Filho3

**17. A que horas costuma deitar o seu(s) educando(s)?**

Antes das 20h30  
Entre as 20h30 e às 21h30  
Depois das 22h

Filho1	Filho2	Filho3

Quem costuma deitar os educandos? \_\_\_\_\_

**18. Como costuma(m) ocupar as suas noites?**

Ler  
Ver televisão  
Sair  
Outras  
Quais? \_\_\_\_\_

Filho1	Filho2	Filho3

**22. O(s) seu(s) filho(s) vive(m) consigo?**

Não  
Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Em caso negativo, há quantos anos é que não vive(m) com o(s) seu(s) filho(s)?  
\_\_\_\_\_

**B** - Mesmo que seja difícil explicar com exatidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o(s) tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamento que tem tido em relação ao(s) seu(s) filho(s). Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflita o comportamento que tem ou teve para com o(s) seu(s) filho(s). **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá preenche-la com uma cruz.**

Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b1. Demonstração ao(s) seu(s) filho(s), com palavras e gestos, que gosta deles(s)?				
b2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?				
b3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?				
b4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?				
b5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?				
b6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspecto deve(m) ter?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?				
b8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?				
b9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?				
b10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?				
b11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?				
b12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?				
b13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?				
b14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?				
b15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?				
b16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?				
b17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?				
b18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?				
b19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?				
b20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?				
b21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?				
b22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?				
b23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?				
b24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?				
b25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?				
b26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?				
b27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?				
b29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?				
b30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?				
b31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está acordo com a forma de ele(s) se comportar(am) em casa?				
b32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?				
b33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?				
b34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?				
b35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?				
b36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?				
b37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?				
b38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?				
b39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?				
b40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?				
b41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir objetivo a que se propõe(m)?				
b42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?				

**C** - As questões que se seguem são relativas à sua saúde em geral. Assinale 1 resposta em cada linha.

	Melhor que o habitual	Como habitual	Pior do que o habitual	Muito pior do que o habitual
c1. Tem-se sentido perfeitamente bem de saúde?				
	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c2. Têm sentido a necessidade de um tónico?				
c3. Tem-se sentido em baixo de forma e maldisposto?				

	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c4. Tem-se sentido doente?				
c5. Tem tido dores de cabeça?				
c6. Tem tido uma sensação de aperto ou pressão na cabeça?				
c7. Tem tido ataques de frio ou calor?				
c8. Tem perdido o sono devido a preocupações?				
c9. Depois de adormecer acorda várias vezes?				
c10. Tem-se sentido constantemente sobre tensão?				
c11. Tem-se sentido irritável de mau humor?				
c12. Tem-se sentido assustado ou têm entrado em pânico sem razão?				
c13. Tem tido a sensação de que está tudo a cair em cima de si?				
c14. Tem-se sentido permanentemente nervoso e tenso?				
c15. Tem conseguido manter-se ativo e ocupado?				
c16. Tem levado mais tempo a fazer as tarefas normais?				
c17. Acha que, de um modo geral, tem trabalhado bem?				
c18. Sente-se satisfeito com a maneira como tem cumprido as suas tarefas?				
c19. Tem-se sentido útil no que faz?				
c20. Tem-se sentido capaz de tomar decisões?				
c21. Tem tido prazer nas suas atividades normais do dia-a-dia?				
c22. Tem-se considerado uma pessoa sem valor nenhum?				
c23. Tem sentido que já não há nada a esperar da vida?				
c24. Tem sentido que a vida já não vale a pena?				
c25. Já pensou na hipótese de um dia vir a acabar consigo?				
c26. Acha que as vezes não consegue fazer nada por causa dos nervos?				
c27. Tem dado consigo a pensar estar morto e longe de tudo?				
c28. Acha que a ideia de acabar com a sua vida está sempre a vir-lhe à cabeça?				

**D - Assinale 1 resposta para cada linha**

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d1. Quando faço planos, levo-os até ao fim.					
d2. Eu normalmente acabo por conseguir alcançar os meus objectivos.					

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d3. Sou capaz de depender de mim próprio mais do que de qualquer outra pessoa.					
d4. Manter-me interessado nas atividades do dia-a-dia é importante para mim.					
d5. Posso estar por conta própria se for preciso.					
d6. Sinto-me orgulhoso por ter alcançado objectivos na minha vida.					
d7. Normalmente faço as coisas conforme elas vão surgindo.					
d8. Sou amigo de mim próprio.					
d9. Sinto que consigo lidar com várias coisas ao mesmo tempo.					
d10. Sou determinado.					
d11. Raramente me questiono se a vida tem sentido.					
d12. Vivo um dia de cada vez.					
d13. Posso passar por tempos difíceis porque enfrentei tempos difíceis antes.					
d14. Tenho autodisciplina.					
d15. Mantenho-me interessado nas coisas.					
d16. Geralmente consigo encontrar algo que me faça rir.					
d17. A confiança em mim próprio ajuda-me a lidar com tempos difíceis.					
d18. Numa emergência, sou alguém com quem as pessoas podem contar.					
d19. Normalmente consigo olhar para uma situação de várias perspectivas.					
d20. Às vezes obrigo-me a fazer coisas quer queira quer não.					
d21. A minha vida tem sentido.					
d22. Eu não fico obcecado com coisas que não posso resolver.					
d23. Quando estou numa situação difícil, normalmente consigo encontrar uma solução.					
d24. Tenho energia suficiente para fazer o que deve ser feito.					
d25. Não tenho problema com o facto de haver pessoas que não gostam de mim.					

**E** - Estão listadas em baixo 26 afirmações sobre a família. Leia cada afirmação e indique até que ponto é verdadeira para a sua família.

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e1. Vale a pena fazer sacrifícios pessoais se beneficiar a nossa família.					
e2. Geralmente concordamos sobre como os membros da família se devem comportar.					

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e3. Acreditamos que algo de bom resulta das piores situações.					
e4. Orgulhamo-nos mesmo do mais pequeno êxito dos membros da família.					
e5. Somos capazes de partilhar as nossas preocupações e sentimentos de maneira produtiva.					
e6. Não importa o quanto difícil as coisas fiquem, a nossa família mantém-se unida.					
e7. Geralmente pedimos ajuda a pessoas fora da família quando não conseguimos resolvê-las nós mesmos.					
e8. Concordamos sobre as coisas que são importantes para a nossa família.					
e9. Na nossa família estamos sempre dispostos a contribuir e ajudar-nos uns aos outros.					
e10. Se algo fora do nosso controlo perturba a nossa família constantemente, encontramos coisas para fazer que nos abstraiam das preocupações.					
e11. Não importa o que acontece na nossa família, tentamos ver o lado positivo.					
e12. Mesmo com horários complicados, encontramos tempo para estar juntos.					
e13. Na nossa família todos entendem as regras sobre formas aceitáveis de agir.					
e14. Amigos e parentes estão sempre dispostos a ajudar, sempre que temos um problema ou crise.					
e15. Quando temos um problema ou preocupação, somos capazes de tomar decisões sobre o que fazer.					
e16. Apreciamos o tempo que passamos juntos, mesmo que seja apenas a fazer tarefas domésticas.					
e17. Se temos um problema ou preocupação que parece exacerbante, tentamos esquecê-lo durante algum tempo.					
e18. Sempre que existem desentendimentos, os membros da família ouvem os diferentes lados da história.					
e19. Na nossa família, arranjam tempo para fazer coisas que todos concordamos serem importantes.					
e20. Na nossa família podemos depender do apoio uns dos outros sempre que algo corre mal.					
e21. Geralmente falamos sobre as diferentes formas com que lidamos com os problemas ou preocupações.					

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e22. Na nossa família, as nossas relações sobrepõem-se às nossas posses materiais.					
e23. Decisões sobre mudanças ou toca de emprego têm por base o que é melhor para todos os membros da família.					
e24. Dependemos uns dos outros para nos ajudarmos quando surge algo inesperado.					
e25. Na nossa família, tentamos não tomar uns aos outros como garantidos.					
e26. Tentamos resolver os nossos problemas primeiro antes de pedir ajuda a outras pessoas.					

Escreva por favor todas as coisas que considera ser os principais pontos fortes da sua família. Não descure as pequenas coisas que ocorrem no dia-a-dia e que, frequentemente tomamos como garantido (ex: partilhar a responsabilidade de alimentar a(s) sua(s) criança(s) e leva-la(s) à escola.

---



---



---

**F - Pense nas suas relações com os outros (Assinale 1 resposta para cada linha).**

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostava					
f2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho					
f3. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos					
f4. Estou satisfeito(a) com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos					
f5. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho					
f6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio					
f7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer					
f8. Mesmo em situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer					
f9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntima que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas					
f10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a família					
f11. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família					

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f12. Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família					
f13. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria					
f14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam					
f15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (clubes desportivos/recreativos, partidos políticos)					

**G** – As seguintes questões são em relação ao(s) seu(s) filho(s), como é o/a seu/sua filho(a)? Como é que ele/ela se sente? É isso que queremos saber através de si.

Por favor responda às seguintes questões com todo o seu conhecimento, assegurando que as suas respostas refletem a perspetiva do/da seu/sua filho(a). Por favor tente recordar as experiências do/da seu/sua filho(a) na última semana.

**1. Quem está a preencher o questionário ?**

- Mãe
- Pai
- Madrasta/Companheira do Pai
- Padrasto/Companheiro da Mãe
- Outro, quem ? \_\_\_\_\_

**FILHO 1**

**2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)?** \_\_\_\_\_

**3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?**

- Rapariga  Rapaz

**4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-dia?**

- Sim  Não

**Se sim Qual?** \_\_\_\_\_

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					



### FILHO 2

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? \_\_\_\_\_

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga  Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim  Não

Se sim Qual?

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

### FILHO 3

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? \_\_\_\_\_

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga  Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim  Não

Se sim Qual?

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

Muito obrigada pela sua colaboração, pode contactar através do gapmarcacao@lis.ulusiada.pt



**ANEXO B**

---

Carta de consentimento informado aos diretores das escolas



Exma. Senhora. Diretora

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa está a desenvolver uma investigação relacionada com o perfil parental e a sua relação com a qualidade de vida dos filhos.

O estudo pretende caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte emocional e como estes influenciar o bem-estar e qualidade de vida dos respetivos filhos. Pretendemos estudar pais e crianças e adolescentes dos 6 aos 16 anos de idade.

Na sequência da reunião realizada com XXXXXX, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o estudo apresentado, pensando que o mesmo pode ser uma mais-valia para ambas as partes.

Respeitosos cumprimentos,

Tania Gaspar

Directora do Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Lusíada de Lisboa